RIMBAUD

uma temporada no INFERNO



ulmeiro

Arthur Rimbaud

UMA TEMPORADA NO INFERNO

Prefácio de
José Manuel de Vasconcelos

ulmeiro

ulmeiro

Av. do Uruguai, 11, cv, dto
1500 LISBOA

Telef. / Fax (01) 715 32 40
ulmeiro@mail.telepac.pt
http//www.ulmeiro.com

FICHA TÉCNICA

Título: *Uma Temporada no Inferno*
Autor: *Arthur Rimbaud*
Tradução: *Margarida Gil Moreira*
Prefácio: *José Manuel de Vasconcelos*
Capa: *César Fidalgo*

1.ª edição Ulmeiro: *Junho de 1999*
Depósito legal n.º *134279/99*
ISBN: *972-706-299-7*
Composição, impressão e acabamento:
Garrido & Lino, Lda
Tel.: (043) 558 518 – 2090 Alpiarça

MERDA PARA DEUS
OU
UM ADOLESCENTE NO INFERNO

A história é conhecida: em Maio de 1873, Rimbaud e Verlaine, que se conhecem desde 1871, e que têm uma ligação amorosa, escolhem um local para os seus encontros, a localidade de Bouillon, no Luxemburgo belga. No dia 24 desse mês, depois de viajarem pela Bélgica, partem de Ostende para Londres (Leun' deun, como escrevia Verlaine). Aí vivem conturbadamente uma espécie de "lua de mel". Em breve porém se acaba o dinheiro que tinham. Rimbaud não tem o hábito de trabalhar. O "velho", que o faça (1). De facto, Verlaine vai dando umas lições particulares de francês para sustentar a situação, cada vez mais periclitante. As discussões reacendem-se. Verlaine está dividido entre Rimbaud e a sua mulher Mathilde. Rimbaud, por seu lado, quer uma entrega total. Verlaine acaba por partir. Regressa à Bélgica mas, "tocado" ainda por uma carta do seu amante que procura

(1) Rimbaud referiu-se ao seu amigo, por diversas vezes, desta forma. A diferença de idades entre os dois era de cerca de dez anos.

reconciliar-se, (2) envia-lhe dinheiro. Voltam a encontrar-se dias depois em Bruxelas, na companhia da mãe de Verlaine. Estão os três instalados no "Hotel de La Ville de Courtrai". Verlaine, muito abalado psicologicamente, bebe cada vez mais. Rimbaud faz cenas de ciúmes e de provocação, ao que parece relacionadas com a mulher de Verlaine. Este, uma tarde fica a sós com o amante no quarto que ambos ocupam. Fecha-se por dentro. Discutem. Está em completo estado de embriaguês. Dispara dois tiros. Um deles fere Rimbaud num braço. Saem todos com o ferido que insiste em ir para Paris. Nova cena na rua. Rimbaud receoso, apenas com um braço disponível, denuncia Verlaine à polícia. Dias depois,

---

(2) Da qual transcrevo o seguinte trecho: "Reviens, reviens, cher ami, seul ami, reviens. Je te jure que je serai bon. Si j'étais maussade avec toi, c'est une plaisanterie où je me suis entêté; je m'en repens plus qu'on ne peut dire. Reviens, ce sera bien oublié. Quel malheur que tu aies cru à cette plaisanterie. Voilà deux jours que je ne cesse de pleurer. Reviens (...) Ah! je t'en supplie. C'est ton bien, d'ailleurs. Reviens, tu retrouveras toutes tes affaires. J' espère que tu sais bien à present qu' il n' y avait rien de vrai dans notre discussion. L' affreux moment! Mais toi, quand je te faisais signe de quitter le bateau, pourquoi ne venais-tu pas? Nous avons vécu deux ans ensemble pour arriver à cette heure-là! Que vas-tu faire? Si tu ne veux pas revenir ici, veux-tu que j' aille te trouver où tu es? (...)

Dis répon(d)s à ton ami, est-ce que nous ne devons plus vivre ensemble?

Sois courageux. Réponds-moi vite.
Je ne puis rester ici plus longtemps.
N'écoute que ton bon coeur.
Vite, dis si je dois te rejoindre.
À toi toute la vie.
Rimbaud.

in *Oeuvres Complètes*, Bibliothèque de la Pléiade, Paris,1991, pp. 270-271.

apesar de a queixa ter sido retirada, este é julgado e condenado a dois anos de prisão e multa, não sem ser enxovalhado pela polícia pela sua homossexualidade. Rimbaud regressa à casa familiar, em Roche, perto de Charleville, nas Ardenas, refugiando-se no sotão da casa. Está ferido, febril, sente-se esgotado interiormente e deseja estar só. No mais completo isolamento retoma um texto que começara a escrever em Abril desse ano. A violenta instabilidade interior que sente, fruto dos recentes acontecimentos da sua vida alimenta uma escrita em jactos espasmódicos. Desce assim aos seus infernos e escreve este poderoso evangelho da modernidade.

Tem apenas dezanove anos e a sensação de ter já vivido tudo, experimentado tudo. *Une Saison en Enfer* é o texto de um sobrevivente que olha para a tempestade em que se envolveu, um testamento também, um escrito de síntese autobiográfica e de ruptura de alguém que "da mais alta torre" olha o mundo do qual quer sair e deseja encontrar um caminho por onde se possa afastar. Quem assim escreve fá-lo para pôr o presente à prova, na medida em que esse presente é a consequência directa e inevitável de um passado com o qual se quer romper. E escreve para instituir a sua própria crença nesse futuro que constitui a sua salvação como homem, mas também a sua morte como artista. O fim do vício, da embriaguês, da exaltação, da blasfémia é também o fim da fantasia, da desmedida loucura poética, a conversão do rebelde em mero cidadão. Depois desta obra, como diz Henry Miller, no seu *Rimbaud, or the Time of the assassins*, só poderemos falar "do cadáver poético de Rimbaud", ideia que já Mallarmé, tinha manifestado, quando dele escreveu: "(...) celui, qui rejette des rêves (...) s'opère, vivant, de la poésie,

ultérieurement ne sait trouver que loin, très loin, un état nouveau." (3). De facto, depois deste texto, e à excepção não confirmada de alguns poemas de *Illuminations*, Rimbaud não escreverá mais nada, além de cartas. E, a uma pergunta que anos mais tarde o seu velho amigo Delahaye lhe fará acerca da sua posição relativamente às letras francesas, responderá: "je ne m'occupe plus de ça".

Numa vida breve de 37 anos, o epitáfio literário do autor de *Voyelles*, poderia conter apenas as datas 1869-1873. A primeira, o ano em que escreve o seu primeiro poema conhecido, *Les Étrennes des orphelins*, poema longo um pouco à maneira de Victor Hugo. A segunda, o ano de que tenho vindo a falar, em que o poeta escolhe como futuro pouco mais que o silêncio. Aos dezassete anos não se leva a vida a sério ("On n'est pas sérieux, quand on a dix-sept ans") (4) e aos dezanove já não se acredita na arte e quer-se mudar a vida. Rimbaud deixa de escrever, mas não abandona a poesia. Cumpre-a deambulando por outros infernos, num eco de um seu antigo verso: "Et j'irai loin, bien loin, comme un bohémien" (5).

---

(3) "Médaillons et Portraits" in *Oeuvres Complètes*, Bibliothèque de la Pléiade, Paris, 1974, p. 516.

(4) Em 1870, portanto com dezassete anos incompletos,Rimbaud escrevia a Théodore de Banville:

"Nous sommes au mois d'amour; j'ai dix-sept ans, l' âge des espérances et des chimères, comme on dit, – et voici que je suis mis, enfant touché par le doigt de la Muse, – pardon si c'est banal – à dire mes bonnes croyances, mes espérances, mes sensations, toutes ces choses des poètes, – moi, j'appelle cela du printemps." in *O.C.*, edição citada, p. 236.

(5) "Sensation", in *Oeuvres Complètes*, Bibliothèque de la Pléiade, Paris, 1991, p. 6.

O que viria a ser *Une Saison en Enfer* começou a ser escrito em Abril de 1873, portanto antes da ruptura com Verlaine e após vários meses de aventuras, de escândalos e de boémia ininterrupta. Até Maio, Rimbaud escreveu apenas "Mauvais Sang", "Delires I", que reflecte mais directamente a sua relação amorosa na fase inicial e "L'impossible", como textos de um livro de contos ou prosas a que se referiu em carta a Delahaye, chamando-lhe Livro pagão ou Livro negro (6). Os textos restantes, ou seja, "Nuit de l'enfer", "Vierge folle", "Matin", "Adieu" e o prólogo, foram escritos no Verão de 1873, logo após o "drama de Bruxelas" e reflectem necessariamente esse drama. Mais ainda, o lado infernal, desabrido dos últimos textos escritos, sobrepõe-se à intenção, mais literária, "negra" e "pagã" dos primeiros textos que bem se distinguem pelo seu estilo mais "moderado", pela maior conexão das ideias, pela relativa linearidade da prosa. Os próprios títulos inicialmente pensados são afastados e substituídos pelo que se julga ser uma referência directa ao seu passado mais recente. Será o próprio Rimbaud que mais tarde dirá: "Je me crois en enfer, donc j'y suis." De qualquer modo não tem sido pacífica esta interpretação, constituindo, desde logo, o título da obra um problema controverso.

---

(6) "(...) je ne sais comment en sortir: je sortirai pourtant. Je regrette cet atroce Charlestown, l'Univers, la Bibliothè., etc... Je travaille pourtant assez régulièrememt, je fais de petites histoires en prose, titre général: Livre païen, ou Livre nègre. C'est bête et innocent. Ô innocence! innocence; innocence, innoc..., fléau!", carta a Ernest Delahaye, de Maio de 1873, in *O.C.*, ed. cit., p. 267. Rimbaud referia-se frequentemente a Charleville em inglês. É também muito frequente na sua correspondência encontrarmos palavras voluntariamente deformadas e truncadas.

Rimbaud depois de terminar a redacção, entregará o manuscrito numa tipografia de Bruxelas, "Poot et Cie", que imprimirá a obra, numa tiragem de 500 exemplares. O livro não será no entanto posto à venda, pois Rimbaud após ter recebido da tipografia um número de exemplares que não terá excedido 6, não pagou o trabalho, pelo que a edição ficou embrulhada num canto das oficinas, até 1915, data em que foi descoberta. Dos 6 exemplares recebidos, um foi enviado a Verlaine, na prisão, com uma dedicatória fria e lacónica:

"a P. Verlaine
A. Rimbaud" (7)

O que mais pertuba neste texto e, de uma maneira mais geral, na obra deste autor, é a lucidez tão precoce, a queimadura de um fogo que só costuma vir com a idade. De facto, nunca é demais lembrar-mo-nos que o autor tinha apenas quinze anos quando começou a escrever e dezanove quando escreveu o seu último grande texto, e que nessa idade em que geralmente mal se desperta para os problemas da vida e em que os futuros escritores fazem as suas primeiras tentativas e experiências literárias, o adolescente de Charleville, já tinha passado por quase todas as experiências possíveis: a droga, o alcoolismo, a prisão, uma vida sentimental e uma sexualidade conturbadas, uma boémia miserável, a blasfémia, a errância e que nessa mesma idade em que os outros começam,

(7) Sobre as vicissitudes da edição original de *Une Saison en Enfer*, e problemas relativos ao manuscrito de Roche, bem como às variantes, consulte-se, para além da já mencionada edição da "Pléiade", a edição crítica, organizada por H. de Bouillane de Lacoste, publicada em Paris, em 1941, pelo Mercure de France.

ele despede-se da literatura com este testemunho admirável, este texto fundador, que o coloca ao lado de Mallarmé e de Lautréamont, como um dos grandes transformadores da linguagem poética nos finais do século XIX.

Não há uma só palavra neste livro que não tenha o peso de uma revelação. Tudo nele é decisivo, nada é supérfluo. Embora, composta por rasgões e gritos, nada se aproxima tão vertiginosamente do absoluto. Depois da breve e inevitável aventura parnasiana ("Escrevia silêncios, noites, anotava o inexprimível. Fixava vertigens (...) A velharia poética participava bastante na minha alquimia do verbo"), o espírito modernista talvez comece aqui: "Acabei por considerar sagrada a desordem do meu espírito (...) Criei todas as festas, todos os triunfos, todos os dramas. Tentei inventar novas flores, novos astros, novas carnes, novos idiomas" (8).

Verlaine que, como disse, recebeu um exemplar na prisão, viria a classificar esta obra como uma "(...) espèce de prodigieuse autobiographie psychologique, écrite dans cette prose de diamant qui est sa proprieté exclusive." Prosa de diamante! Algo que tem o fulgor efémero do movimento, mas a dureza da eternidade, algo que marca e que rasga o que se apresenta como transparente: o vidro; mas que rasga também esse vidro especial que quereria dar uma imagem tranquila, fiel e verídica: o espelho. A autobiografia convulsionada de um penitente, uma prosa que castiga, que condena, mas que redime no próprio acto de se construir, de se desdobrar em novos desafios ao desconhecido,

(8) As citações de *Une Saison en Enfer* são todas retiradas do texto da presente tradução.

sempre inconformista, não dando qualquer trégua à renovação incessante, mesmo quando parece mais apaziguadora. Sempre criando e sempre criticando. Mas não será esse o cerne da modernidade? Uma escrita sem controlo, de um automatismo que viria a seduzir os surrealistas, que são quem realmente parece redescobrir Rimbaud nos anos vinte. As memórias do inferno são as memórias da arrogância, do desafio e da experimentação. O poeta de Rimbaud é afinal um anjo negro, um ensaiador do excesso, um companheiro do mal, da revolta; um descendente de Baudelaire e de Nietzsche, que proclama que "A moral é a fraqueza da cabeça".

Seria preciso mais para justificar todo o interesse dedicado a Rimbaud desde a sua descoberta? Não será ele um óbvio precursor dos futurismos, quando por exemplo escreve: "A ciência: a nova nobreza! O progresso. O mundo avança! Porque não haveria ele de girar?" E não anunciam certas passagens da *Saison*, nomeadamente a parte final de "Sangue Maligno" o estilo *staccato, parolibero,* tão ao gosto do Marinetti de *Zang Tumb Tumb* e de vários outros futuristas italianos? Este interesse pelos seus escritos pode encontrar-se logo no início da sua actividade com os próprios parnasianos, com os quais conviveu (Izambard, seu professor no colégio, Théodore de Banville e o próprio Verlaine, entre outros) e que fariam o culto de textos como *Voyelles* e *Le Bateau ivre*, e com alguns sectores esoteristas, percorrendo de lupa na mão as famosas *Lettres du Voyant* (a Paul Demeny e a Izambard), à procura dos seus sentidos ocultos, mas também os católicos (Jammes e Claudel) que nele destacariam o lado angélico, a procura de Deus, o misticismo, transformando-o numa espécie de Jeanne D'Arc em que a "santidade"

se torna ainda mais luminosa, por chegar à superfície, vinda da treva e do mal. E, finalmente, até mesmo vários intelectuais dos sectores comunistas, viriam a destacar em Rimbaud a sua rebeldia anti-burguesa e a sua aventura *communard* (9).

O texto de *Une Saison en Enfer* é lábil, desconexo; muitas vezes torturado, punitivo; outras triunfal, premonitório até. Encerra a experiência do delírio e a vertigem alucinante de quem ingeriu "um afamado trago de veneno", que lhe queima as entranhas e que o leva a escrever: "A violência da peçonha contorce-me os membros, torna-me disforme, atira-me por terra. Morro de sede, sufoco, não consigo gritar. É o inferno, a pena eterna! Vede como as labaredas crescem! Ardo como devia. Vá demónio!" Antecipa a literatura da experiência interior provocada, que algumas décadas mais tarde Cocteau e, sobretudo Michaux iriam fazer, para referir apenas autores no domínio da literatura de língua francesa.

Quando Rimbaud era pouco mais que um miúdo, no início da adolescência, acompanhado pelos seus companheiros de correrias, escrevia a giz nas paredes e nos bancos públicos de Charleville: "Merde à Dieu". Com esta inocente blasfémia talvez o seu "rosto perfeitamente oval de anjo no exílio" (10) se incendiasse num diabólico prazer. Os anos foram-se sucedendo, as portas do

---

(9) A respeito da atitude do poeta relativamente aos acontecimentos históricos, conhecidos pela designação de comuna de Paris, poder-se-á consultar com bastante proveito o livro de Pierre Gascar, *Rimbaud et la Comune*, Gallimard, 1971.

(10) Palavras de Verlaine.

inferno abriram-se de par em par para o deixar passar. Agora que escreve a sua obra derradeira, que faz o balanço punitivo dos seus excessos, e procura os alvores do seu mais enigmático percurso, a sua aventura africana (11), da qual só regressará para morrer, aos 37 anos, com o olhar "de um azul pálido inquietante" (12), mutilado, envelhecido precocemente, como precocemente tudo aconteceu na sua vida, Rimbaud parece procurar a redenção, "possuir a verdade num corpo e numa alma".

Será que pelo seu olhar, já não "furibundo", mas moribundo, quando jazia delirante no Hospital de la Conception, em Marselha, velado pela sua constante e estranha irmã Isabelle, terá passado a imagem dos bancos públicos de Charleville lavados agora pelo correr de muitas lágrimas?

Lisboa, Maio de 1999

José Manuel de Vasconcelos

---

(11) Essa viagem e o regresso perpassam premonitoriamente pelas páginas de *Une Saison en Enfer*. " A minha jornada está feita; deixo a Europa. O ar marinho queimar-me-á os pulmões; os climas perdidos hão-de crestar-me. (...) Regressarei, com membros de ferro, a pele tisnada, o olhar furibundo(...)"

(12) Palavras de Verlaine.

UMA TEMPORADA NO INFERNO

* * * * *

«Outrora, se bem me recordo, a minha vida era um festim em que se abriam todos os corações, em que todos os vinhos fluíam.

Uma noite, sentei a Beleza nos meus joelhos. – E achei-a amarga. – E injuriei-a.

Armei-me contra a justiça.

Fugi. Ó feiticeiras, ó miséria, ó ódio, a vós foi confiado o meu tesouro!

Consegui fazer dissipar-se no meu espírito qualquer esperança humana. Para estrangular toda a alegria, saltei sobre ela como uma fera.

Chamei os carrascos para lhes morder a coronha das espingardas enquanto morria. Invoquei os flagelos para me asfixiar com a areia, o sangue. O infortúnio foi o meu deus. Estirei-me na lama. Sequei-me ao vento do crime. E preguei belas partidas à loucura.

E a primavera trouxe-me o riso medonho do idiota.

Ora, tendo-me encontrado muito recentemente prestes a dar a última fífia, pensei procurar a chave do festim antigo, onde talvez recuperasse o apetite.

A caridade é essa chave. – Esta inspiração prova que sonhei!

* * * * *

«Jadis, si je me souviens bien, ma vie était un festin où s'ouvraient tous les coeurs, où tous les vins coulaient.

Un soir, j'ai assis la Beauté sur mes genoux. – Et je l'ai trouvée amère. – Et je l'ai injuriée.

Je me suis armé contre la justice.

Je me suis enfui. Ô sorcières, ô misère, ô haine, c'est à vous que mon trésor a été confié!

Je parvins à faire s'évanouir dans mon esprit toute l'espérance humaine. Sur toute joie pour l'étrangler j'ai fait le bond sourd de la bête féroce.

J'ai appelé les bourreaux pour, en périssant, mordre la crosse de leurs fusils. J'ai appelé les fléaux, pour m'étouffer avec le sable, le sang. Le malheur a été mon dieu. Je me suis allongé dans la boue. Je me suis séché à l'air du crime. Et j'ai joué de bons tours à la folie.

Et le printemps m'a apporté l'affreux rire de l'idiot.

Or, tout dernièrement m'étant trouvé sur le point de faire le dernier *couac!* j'ai songé à rechercher la clef du festin ancien, où je reprendrais peut-être appétit.

La charité est cette clef. – Cette inspiration prouve que j'ai rêvé!

"Permanecerás hiena, etc...", protesta o demónio que me coroara de tão amáveis papoilas. "Ganha a tua morte com todos os teus apetites, e o teu egoísmo e todos os pecados capitais."

Ah! tomei demasiado daquilo: – Mas, caro Satanás, conjuro-vos, olhai-me menos irritado! e enquanto esperais as cobardiazinhas atrasadas, para vós que no escritor amais a ausência das faculdades descritivas ou instrutivas, arranco estas folhas medonhas do meu caderno de maldito.

«Tu resteras hyène, etc...,» se récrie le démon qui me couronna de si aimables pavots. «Gagne la mort avec tous tes appétits, et ton égoïsme et tous les péchés capitaux.»

Ah! j'en ai trop pris: – Mais, cher Satan, je vous en conjure, une prunelle moins irritée! et en attendant les quelques petites lâchetés en retard, vous qui aimez dans l'écrivain l'absence des facultés descriptives ou instructives, je vous détache ces quelques hideux feuillets de mon carnet de damné.

SANGUE MALIGNO

De meus antepassados gauleses tenho os olhos azuis brancos, o crânio estreito, e a imperícia na luta. Acho o meu trajar tão bárbaro como o deles. Mas não espalho manteiga no cabelo.

Os Gauleses eram os esfoladores de animais, os mais inaptos queimadores de erva do seu tempo.

Deles, herdei: a idolatria e o amor pelo sacrilégio; – oh! todos os vícios, cólera, luxúria, – magnífica, a luxúria! – sobretudo mentira e preguiça.

Horrorizam-me todos os misteres. Mestres e operários, todos campónios, ignóbeis. A mão com a caneta equivale à mão com a charrua. – Que século de mãos! – Nunca a minha mão terá a sua vez. Depois, a domesticidade vai longe de mais. A honradez da mendicidade dilacera-me. Os criminosos repugnam-me como os castrados: eu, estou intacto e isso é-me indiferente.

Mas! que perfídia tal fez a minha língua que tenha guiado e salvaguardado a minha preguiça até aqui? Sem sequer me servir do meu corpo para viver, e mais ocioso que um sapo, vivi por todo o lado. Não há família na Europa que não seja minha conhecida. – Refiro-me a famílias como a minha, que em tudo se parecem com a declaração dos Direitos do Homem. – Conheci cada filho de boas famílias!

MAUVAIS SANG

J'ai de mes ancêtres gaulois l'œil bleu blanc, la cervelle étroite, et la maladresse dans la lutte. Je trouve mon habillement aussi barbare que le leur. Mais je ne beurre pas ma chevelure.

Les Gaulois étaient les écorcheurs de bêtes, les brûleurs d'herbes les plus ineptes de leur temps.

D'eux, j'ai: l'idolâtrie et l'amour du sacrilège; – oh! tous les vices, colère, luxure, – magnifique, la luxure; – surtout mensonge et paresse.

J'ai horreur de tous les métiers. Maîtres et ouvriers, tous paysans, ignobles. La main à plume vaut la main à charrue. – Quel siècle à mains! – Je n'aurai jamais ma main. Après, la domesticité mène trop loin. L'honnêteté de la mendicité me navre. Les criminels dégoûtent comme des châtrés: moi, je suis intact, et ça m'est égal.

Mais! qui a fait ma langue perfide tellement, qu'elle ait guidé et sauvegardé jusqu'ici ma paresse? Sans me servir pour vivre même de mon corps, et plus oisif que le crapaud, j'ai vécu partout. Pas une famille d'Europe que je ne connaisse. – J'entends des familles comme la mienne, qui tiennent tout de la déclaration des Droits de l'Homme. – J'ai connu chaque fils de famille!

Se eu tivesse antecedentes num momento qualquer da história de França!

Mas não, nada.

É bem evidente para mim que fui sempre de raça inferior. Não consigo compreender a revolta. A minha raça nunca se sublevava a não ser para pilhar: quais lobos face ao animal que não mataram.

Recordo a história da França, filha mais velha da Igreja. Teria enveredado pela viagem à Terra Santa, como um labrego; tenho na mente estradas nas planícies zuavas, paisagens de Bizâncio, muralhas de Solyma; o culto de Maria, a compaixão pelo crucificado despertam em mim entre mil feitiçarias profanas. – Estou sentado, leproso, em cima de vasilhas quebradas e de urtigas, ao pé de um muro carcomido pelo sol. – Mais tarde, soldado veterano, teria acampado ao relento das noites da Alemanha.

Ah! e mais: danço o sabbat numa rubra clareira, com velhas e crianças.

Não recordo mais além do que esta terra e o cristianismo. Jamais acabarei de me rever neste passado. Mas sempre só; sem família; nem sei que língua falava! Nunca me vejo nos concílios de Cristo; nem nos concílios dos Senhores – representantes de Cristo.

Que seria eu, no século passado? Só hoje me reconheço. Já sem vagabundos, já sem guerras vagas. A raça inferior tudo cobriu – o povo, como se diz, a razão; a nação e a ciência.

Oh! a ciência! Voltou tudo ao mesmo. Para o

Si j'avais des antécédents à un point quelconque de l'histoire de France!

Mais non, rien.

Il m'est bien évident que j'ai toujours été race inférieure. Je ne puis comprendre la révolte. Ma race ne se souleva jamais que pour piller: tels les loups à la bête qu'ils n'ont pas tuée.

Je me rappelle l'histoire de la France fille aînée de l'Église. J'aurais fait, manant, le voyage de terre sainte; j'ai dans la tête des routes dans les plaines souabes, des vues de Byzance, des remparts de Solyme; le culte de Marie, l'attendrissement sur le crucifié s'éveillent en moi parmi mille féeries profanes. – Je suis assis, lépreux, sur les pots cassés et les orties, au pied d'un mur rongé par le soleil. – Plus tard, reître, j'aurais bivaqué sous les nuits d'Allemagne.

Ah! encore: je danse le sabbat dans une rouge clairière, avec des vieilles et des enfants.

Je ne me souviens pas plus loin que cette terre-ci et le christianisme. Je n'en finirais pas de me revoir dans ce passé. Mais toujours seul; sans famille; même, quelle langue parlais-je? Je ne me vois jamais dans les conseils du Christ; ni dans les conseils des Seigneurs, – représentants du Christ.

Qu'étais-je au siècle dernier: je ne me retrouve qu'aujourd'hui. Plus de vagabonds, plus de guerres vagues. La race inférieure a tout couvert – le peuple, comme on dit, la raison; la nation et la science.

Oh! la science! On a tout repris. Pour le corps et

corpo e para a alma, – o viático, – temos a medicina e a filosofia, – as mezinhas e as canções populares aprontadas. E os divertimentos dos príncipes e os jogos que eles proibiam! Geografia, cosmografia, mecânica, química!...

A ciência: a nova nobreza! O progresso. O mundo gira! Porque não haveria ele de avançar?

É a visão dos números. Encaminhamo-nos para o *Espírito*. É bem certo o que digo, é oráculo. Compreendo; e como não sei explicar-me sem palavras pagãs, prefiro calar-me.

O sangue pagão voltou! O Espírito está próximo; por que não me ajudará Cristo, devolvendo nobreza e liberdade à minha alma? Ai de mim! O Evangelho já passou! O Evangelho! O Evangelho!

Aguardo Deus com gulodice. Sou desde sempre de raça inferior.

Eis-me na praia armoricana. Que as cidades se iluminem ao cair da noite. A minha jornada está feita; deixo a Europa. O ar marinho queimar-me-á os pulmões; os climas longínquos hão-de crestar--me. Nadar, esmagar a erva, caçar, acima de tudo fumar; beber licores fortes como metal fervente, – como faziam esses queridos antepassados em torno das fogueiras.

Regressarei, com membros de ferro, a pele tisnada, o olhar furibundo: pela minha máscara julgar--me-ão de uma raça forte. Terei ouro: serei ocioso e brutal. As mulheres cuidam desses enfermos ferozes regressados dos países quentes. Hei-de meter-me nos assuntos políticos. Salvo.

Agora sou maldito, tenho horror à pátria. O melhor é um sono ébrio de verdade; no chão da praia.

pour l'âme, – le viatique, – on a la médecine et la philosophie, – les remèdes de bonnes femmes et les chansons populaires arrangés. Et les divertissements des princes et les jeux qu'ils interdisaient! Géographie, cosmographie, mécanique, chimie!...

La science, la nouvelle noblesse! Le progrès. Le monde marche! Pourquoi ne tournerait-il pas?

C'est la vision des nombres. Nous allons à l'*Esprit*. C'est très-certain, c'est oracle, ce que je dis. Je comprends, et ne sachant m'expliquer sans paroles païennes, je voudrais me taire.

Le sang païen revient! L'Esprit est proche, pourquoi Christ ne m'aide-t-il pas, en donnant à mon âme noblesse et liberté. Hélas! l'Évangile a passé! l'Évangile! l'Évangile.

J'attends Dieu avec gourmandise. Je suis de race inférieure de toute éternité.

Me voici sur la plage armoricaine. Que les villes s'allument dans le soir. Ma journée est faite; je quitte l'Europe. L'air marin brûlera mes poumons; les climats perdus me tanneront. Nager, broyer l'herbe, chasser, fumer surtout; boire des liqueurs fortes comme du métal bouillant, – comme faisaient ces chers ancêtres autour des feux.

Je reviendrai, avec des membres de fer, la peau sombre, l'œil furieux: sur mon masque, on me jugera d'une race forte. J'aurai de l'or: je serai oisif et brutal. Les femmes soignent ces féroces infirmes retour des pays chauds. Je serai mêlé aux affaires politiques. Sauvé.

Maintenant je suis maudit, j'ai horreur de la patrie. Le meilleur, c'est un sommeil bien ivre, sur la grève.

Não se parte. – Retomemos esta via, o meu vício como carga, o vício que estendeu as suas raízes de sofrimento para mim, desde a idade da razão – que sobe ao céu, que me espanca, derruba, arrasta.

A derradeira inocência e a derradeira timidez. É ponto assente. Não trazer à luz do mundo a minha repugnância e as minhas traições.

Vamos! A marcha, o fardo, o deserto, o tédio e a ira.

Vangloriar-me para quê? Que animal será preciso adorar? Que imagem santa se ataca? Que corações despedaçarei eu? Que mentira deverei defender? – Sobre que sangue terei de caminhar?

Antes de mais, cuidado com a justiça. – A vida difícil, o embrutecimento simples, – erguer, com a mão descarnada, a tampa do caixão, sentar-se, asfixiar. Desta feita, não existem velhice nem perigos: o pavor não é francês.

– Ah! estou tão desamparado que ofereço a qualquer imagem divina arrebatamentos que almejam a perfeição.

Ó minha abnegação, Ó minha caridade maravilhosa!, aqui tão em baixo, porém!

De profundis Domine, parvo sou.

Ainda muito novinho e já admirava o forçado intratável sobre o qual sempre se encerra o cárcere; eu visitava os albergues e quartos de aluguer sacramentados pelas suas estadas; eu via *pela sua mente* o céu azul e o labor florido dos campos; eu pressentia a sua fatalidade nas cidades. Ele tinha mais força que um santo, e mais bom-senso que

---

On ne part pas. – Reprenons les chemins d'ici, chargé de mon vice, le vice qui a poussé ses racines de souffrance à mon côté, dès l'âge de raison – qui monte au ciel, me bat, me renverse, me traîne.

La dernière innocence et la dernière timidité. C'est dit. Ne pas porter au monde mes dégoûts et mes trahisons.

Allons! La marche, le fardeau, le désert, l'ennui et la colère.

A qui me louer? Quelle bête faut-il adorer? Quelle sainte image attaque-t-on? Quels cœurs briserai-je? Quel mensonge dois-je tenir? – Dans quel sang marcher?

Plutôt, se garder de la justice. – La vie dure, l'abrutissement simple, – soulever, le poing desséché, le couvercle du cercueil, s'asseoir, s'étouffer. Ainsi point de vieillesse, ni de dangers: la terreur n'est pas française.

– Ah! je suis tellement délaissé que j'offre à n'importe quelle divine image des élans vers la perfection.

Ô mon abnégation, ô ma charité merveilleuse! ici-bas, pourtant!

De profondis Domine, suis-je bête!

Encore tout enfant, j'admirais le forçat intraitable sur qui se referme toujours le bagne; je visitais les auberges et les garnis qu'il aurait sacrés par son séjour; je voyais *avec son idée* le ciel bleu et le travail fleuri de la campagne; je flairais sa fatalité dans les villes. Il avait plus de force qu'un saint, plus de bon

um viandante – e ele, só ele! testemunhava a sua glória e a sua razão.

Pelas estradas, em noites de inverno, sem guarida, sem roupa, sem pão, uma voz constrangia o meu coração gelado: "Fraqueza ou força: eis-te, é a força. Não sabes para onde vais nem por que vais; entra em toda a parte, responde a tudo. Não te matarão mais do que se fosses já cadáver." De manhã, eu tinha o olhar tão perdido e o ânimo tão ausente que aqueles com quem me cruzei *talvez não me tenham visto*.

Nas cidades, a lama parecia-me ser subitamente vermelha e negra, como um espelho reflectindo a luz que circula no quarto vizinho, como um tesouro na floresta! Boa sorte, gritava eu, e via um mar de chamas e de fumo no céu; e, à esquerda, à direita, todas as riquezas flamejando como um bilião de centelhas.

Mas a orgia e a camaradagem das mulheres estavam-me interditas. Nem sequer um companheiro. Via-me ante uma multidão exasperada, frente ao pelotão de execução, chorando a infelicidade de eles não terem conseguido compreender, e perdoando! – Como Joana d'Arc! – "Sacerdotes, professores, mestres, enganais-vos entregando-me à justiça. Nunca pertenci a este povo; nunca fui cristão; pertenço à raça que cantava durante o suplício: não compreendo as leis; não tenho sentido moral, sou uma ignorante: enganais-vos..."

Sim, tenho os olhos fechados para a vossa luz. Sou um animal, um negro. Mas posso ser salvo. Vós sois falsos negros, vocês maníacos, ferozes, avaros. Comerciante, és um negro; magistrado, és um negro; general, és um negro; imperador, velho prurido, és um negro: bebeste de um licor sem registo, fabricado por Satan. – Este povo está inspirado pela

sens qu'un voyageur – et lui, lui seul! pour témoin de sa gloire et de sa raison.

Sur les routes, par des nuits d'hiver, sans gîte, sans habits, sans pain, une voix étreignait mon cœur géle: «Faiblesse ou force: te voilà, c'est la force. Tu ne sais ni où tu vas ni pourquoi tu vas, entre partout, réponds à tout. On ne te tuera pas plus que si tu étais cadavre.» Au matin j'avais le regard si perdu et la contenance si morte, que ceux que j'ai rencontrés *ne m'ont peut-être pas vu*.

Dans les villes la boue m' apparaissait soudainement rouge et noire, comme une glace quand la lampe circule dans la chambre voisine, comme un trésor dans la forêt! Bonne chance, criais-je, et je voyais une mer de flammes et de fumée au ciel; et, à gauche, à droite, toutes les richesses flambant comme un milliard de tonnerres.

Mais l'orgie et la camaraderie des femmes m'étaient interdites. Pas même un compagnon. Je me voyais devant une foule exaspérée, en face du peloton d'exécution, pleurant du malheur qu'ils n' aient pu comprendre, et pardonnant! – Comme Jeanne d'Arc! – «Prêtres, professeurs, maîtres, vous vous trompez en me livrant à la justice. Je n'ai jamais été de ce peuple-ci; je n' ai jamais été chrétien; je suis de la race qui chantait dans le supplice; je ne comprends pas les lois; je n'ai pas le sens moral, je suis une brute: vous vous trompez...»

Oui, j'ai les yeux fermés à votre lumière. Je suis une bête, un nègre. Mais je puis être sauvé. Vous êtes de faux nègres, vous maniaques, féroces, avares. Marchand, tu es nègres; magistrat, tu es nègre; général, tu es nègre; empereur, vieille démangeaison, tu es nègre: tu as bu d'une liqueur non taxée, de la fabrique de Satan. – Ce peuple est inspiré par la fièvre et le cancer. Infirmes et vieillards

febre e pelo cancro. Enfermos e velhos são tão respeitáveis que pedem para ser cozidos.

– O mais sensato será abandonar este continente em que a loucura vagabundeia, abastecendo de reféns estes miseráveis. Entro no verdadeiro reino dos filhos de Kan.

Conhecerei ainda a natureza? conhecer-me-ei? – *Basta de palavras.* Amortalho os mortos no meu ventre. Gritos, tambor, dança, dança, dança! Já nem sequer vejo a hora em que, ao desembarcarem os brancos, cairei no vazio.

Fome, sede, gritos, dança, dança, dança, dança!

Os brancos desembarcam. O canhão! É preciso submetermo-nos ao baptismo, vestirmo-nos, trabalhar. Recebi o golpe de misericórdia. Ah! Não o havia previsto!

Nunca pratiquei o mal. Os dias vão ser-me leves, o arrependimento ser-me-á poupado. Não terei sofrido os tormentos da alma semi-morta para o bem, até onde sobe a luz severa como círios funerários. O destino do filho de boas famílias, caixão prematuro coberto de límpidas lágrimas. O deboche é, sem dúvida, uma estupidez, o vício é uma estupidez; é preciso arremessar para longe a podridão. Mas nunca o relógio conseguirá fazer soar senão a hora da pura dor! Irei eu ser arrebatado como uma criança, para brincar no paraíso esquecendo todo o infortúnio?

Depressa! haverá outras vidas? – Na riqueza, o sono é impossível. A riqueza sempre foi um bem público. O amor divino só por si outorga as chaves da ciência. Vejo que a natureza não é mais que um espectáculo de bondade. Adeus quimeras, ideais, erros.

sont tellement respectables qu'ils demandent à être bouillis.

– Le plus malin est de quitter ce continent, où la folie rôde pour pourvoir d' otages ces misérables. J'entre au vrai royaume des enfants de Cham.

Connais-je encore la nature? me connais-je? – *Plus de mots*. J'ensevelis les morts dans mon ventre. Cris, tambour, danse, danse, danse,danse! Je ne vois même pas l'heure où les blancs débarquant, je tomberai au néant.

Faim, soif, cris, danse, danse, danse,danse!

Les blancs débarquent. Le canon! Il faut se soumettre au baptême, s'habiller, travailler.

J'ai reçu cœur le coup de la grâce. Ah! je ne l'avais pas prévu!

Je n'ai point fait le mal. Les jours vont m'être légers, le repentir me sera épargné. Je n' aurai pas eu les tourments de l'âme presque morte au bien, où remonte la lumière sévère comme les cierges funéraires. Le sort du fils de famille, cercueil prématuré couvert de limpides larmes. Sans doute la débauche est bête, le vice est bête; il faut jeter la pourriture à l'écart. Mais l'horloge ne sera pas arrivée à ne plus sonner que l'heure de la pure douleur! Vais-je être enlevé comme un enfant, pour jouer au paradis dans l'oubli de tout le malheur!

Vite! est-il d'autres vies? – Le sommeil dans la richesse est impossible. La richesse a toujours été bien public. L'amour divin seul octroie les clefs de la science. Je vois que la nature n'est qu'un spectacle de bonté. Adieu chimères, idéals, erreurs.

O canto congruente dos anjos eleva-se do navio salvador; é o amor divino. – Dois amores! posso morrer do amor terrestre e morrer de devoção. Deixei para trás almas cuja dor redobrará com a minha partida! Vós escolheis-me de entre os náufragos; não serão meus amigos os que ficam?

Salvai-os!

Nasceu-me a razão. O mundo é bom. Abençoarei a vida. Amarei os meus irmãos. Já não se trata de promessas de infância. Nem da esperança de escapar à velhice e à morte. Deus produz a minha força e eu louvo a Deus.

O tédio já não é amor meu. As raivas, os deboches, a loucura, cujos arrebatamentos e desastres tão bem conheço, – o meu fardo está deposto por inteiro. Apreciemos sem vertigem a extensão da minha inocência.

Já não seria capaz de solicitar o conforto de uma bastonada. Não creio ter embarcado para uma boda, tendo Jesus Cristo como sogro.

Não sou prisioneiro da minha razão. Disse: Deus. Quero a liberdade na salvação; como alcançá--la? Os gostos frívolos abandonaram-me. Já não preciso de devoção nem de amor divino. Não lamento o século dos corações sensíveis. Cada um tem a sua razão, desprezo e caridade: eu conservo o meu lugar no cimo desta angélica escada de bom senso.

Quanto à felicidade estabelecida, doméstica ou não... não, não a quero. Estou demasiado disperso, demasiado fraco. A vida floresce pelo trabalho, velha verdade: quanto a mim, a minha vida não tem

Le chant raisonnable des anges s'élève du navire sauveur: c'est l'amour divin. – Deux amours! je puis mourir de l'amour terrestre, mourir de dévouement. J'ai laissé des âmes dont la peine s'accroîtra de mon départ! Vous me choisissez parmi les naufragés; ceux qui restent sont-ils pas mes amis?

Sauvez-les!

La raison m'est née. Le monde est bon. Je bénirai la vie. J'aimerai mes frères. Ce ne sont plus des promesses d'enfance. Ni l'espoir d'échapper à la vieillesse et à la mort. Dieu fait ma force, et je loue Dieu.

L'ennui n'est plus mon amour. Les rages, les débauches, la folie, dont je sais tous les élans et les désastres, – tout mon fardeau est déposé. Apprécions sans vertige l'étendue de mon innocence.

Je ne serais plus capable de demander le réconfort d'une bastonnade. Je ne me crois pas embarqué pour une noce avec Jésus-Christ pour beau-père.

Je ne suis pas prisonnier de ma raison. J'ai dit: Dieu. Je veux la liberté dans le salut: comment la poursuivre? Les goûts frivoles m'ont quitté. Plus besoin de dévouement ni d'amour divin. Je ne regrette pas le siècle des cœurs sensibles. Chacun a sa raison, mépris et charité: je retiens ma place au sommet de cette angélique échelle de bon sens.

Quant au bonheur établi, domestique ou non... non, je ne peux pas. Je suis trop dissipé, trop faible. La vie fleurit par le travail, vieille vérité: moi, ma vie n'est pas assez pesante, elle s'envole

peso suficiente, levanta voo e flutua ao longe acima da acção, esse caro ponto do mundo.

Estou a tornar-me velha solteirona, com pouca coragem para amar a morte!

Se Deus me concedesse a calma celeste, aérea, a oração, – como os antigos santos. – Os santos! fortes! os anacoretas, artistas como já não faz falta!

Farsa incessante! A minha inocência dar-me-ia vontade de chorar. A vida é a farsa que todos devem representar.

Basta! eis o castigo. – *Marche!*

Ah! os pulmões queimam, as têmporas estrondeiam! a noite revolve-se nos meus olhos, com este sol! o coração... os membros...

Para onde vamos? combater? Estou fraco! os outros avançam. As ferramentas, as armas... o tempo!...

Fogo! Disparem sobre mim! Aqui! ou rendo-me. – Cobardes! – Mato-me! Lanço-me sob as patas dos cavalos!

Ah!...

– Hei-de habituar-me.

Isso seria a vida à francesa, a senda da honra!

et flotte loin audessus de l'action, ce cher point du monde.

Comme je deviens vieille fille, à manquer du courage d'aimer la mort!

Si Dieu m'accordait le calme céleste, aérien, la prière, – comme les anciens saints. – Les saints! des forts! les anachorètes, des artistes comme il n'en faut plus!

Farce continuelle! Mon innocence me ferait pleurer. La vie est la farce à mener par tous.

Assez! Voici la punition. – *En marche!*

Ah! Les poumons brûlent, les tempes grondent! la nuit roule dans mes yeux, par ce soleil! le cœur... les membres...

Où va-t-on? au combat? Je suis faible! les autres avancent. Les outils, les armes... le temps!

Feu! feu sur moi! Là! ou je me rends. – Lâches! – Je me tue! Je me jette aux pieds des chevaux!

Ah!...

– Je m'y habituerai.

Ce serait la vie française, le sentier de l'honneur!

NOITE DO INFERNO

Ingeri um afamado trago de veneno. – Três vezes bendita seja a resolução tomada! – Queimam-me as entranhas. A violência da peçonha contorce-me os membros, torna-me disforme, atira-me por terra. Morro de sede, sufoco, não consigo gritar. É o inferno, a pena eterna! Vede como as labaredas crescem! Ardo como deve ser. Vá, demónio!

Eu tinha imaginado a conversão ao bem e à felicidade, a salvação. Como descrever essa visão, o ar do inferno não suporta os hinos! Eram milhões de criaturas encantadoras, um deleitoso concerto espiritual, a força e a paz, as nobres ambições... eu sei lá!

As nobres ambições!

E a vida continua! – A maldição é eterna...! Um homem que queira mutilar-se está maldito, não é verdade? Creio-me no inferno, logo, estou lá. É o cumprimento do catecismo. Eu sou escravo do meu baptismo. Pais, provocastes a minha desventura e a vossa. Pobre inocente! – O inferno não pode atacar os pagãos. – E continua a vida! Mais tarde, as delícias da maldição serão mais profundas. Um crime, depressa!, possa eu cair no vazio, em nome da lei humana.

Cala-te, cala-te lá!... Aqui, é a vergonha, a

NUIT DE L'ENFER

J'ai avalé une fameuse gorgée de poison. – Trois fois béni soit le conseil qui m'est arrivé! – Les entrailles me brûlent. La violence du venin tord mes membres, me rend difforme, me terrasse. Je meurs de soif, j'étouffe, je ne puis crier. C'est l'enfer, l'éternelle peine! Voyez comme le feu se relève! Je brûle comme il faut. Va, démon!

J'avais entrevu la conversion au bien et au bonheur, le salut. Puis-je décrire la vision, l'air de l'enfer ne souffre pas les hymnes! C'était des millions de créatures charmantes, un suave concert spirituel, la force et la paix, les nobles ambitions, que sais-je?

Les nobles ambitions!

Et c'est encore la vie! – Si la damnation est éternelle! Un homme qui veut se mutiler est bien damné, n'est-ce pas? Je me crois en enfer, donc j'y suis. C'est l'exécution du catéchisme. Je suis esclave de mon baptême. Parents, vous avez fait mon malheur et vous avez fait le vôtre. Pauvre innocent! – L'enfer ne peut attaquer les païens. – C'est la vie encore! Plus tard, les délices de la damnation seront plus profondes. Un crime, vite, que je tombe au néant, de par la loi humaine.

Tais-toi, mais tais-toi!... C'est la honte, le

reprovação: Satanás diz que o fogo é desprezível, que a minha ira é uma parvoíce horrível. – Chega!... de desvarios que me dizem baixinho, magias, perfumes raros, músicas pueris. – Só de pensar que detenho a verdade, que vejo a justiça: tenho um discernimento são e decidido, quase atingo a perfeição... Orgulho. – A pele da minha cabeça desseca-se. Piedade! Senhor, tenho medo. Tenho sede, tanta sede! Ah!, a infância, a erva, a chuva, o lago cobrindo as pedras, *o luar quando no campanário soava a meia-noite...* o diabo está no campanário, a essa hora. Maria! Virgem Santa!... – Que horror, o meu disparate.

Lá em baixo não há almas honradas, que me queiram bem? Vinde... Levo um travesseiro a tapar--me a boca, elas não me ouvem, são fantasmas. Além disso, ninguém pensa no seu semelhante. Faremos melhor se não nos aproximarmos. Cheiro a queimado, é mais que certo.

As alucinações são incontáveis. É o que sempre tive: mais nenhuma fé na história, o esquecimento dos bons princípios. Calar-me-ei sobre isso: poetas e visionários invejar-me-iam. Sou mil vezes o mais rico, sejamos avaros como o mar.

Ora esta! o relógio da vida parou agora mesmo. Já não pertenço ao mundo. – A teologia é coisa séria, o inferno é de certeza *lá em baixo* – e o céu lá em cima. – Êxtase, pesadelo, sono em ninho de chamas.

Quantas malícias na atenção no campo... Satanás, Fernando, corre com as sementes selvagens... Jesus caminha sobre as silvas purpurinas, sem as arquear... Jesus caminhava sobre as águas iradas. A lanterna mostrara-no-lo de pé, branco e de tranças morenas, no flanco de uma onda cor de esmeralda...

Vou desvendar todos os mistérios: mistérios religiosos ou naturais, morte, nascimento, futuro,

reproche, ici: Satan qui dit que le feu est ignoble, que ma colère est affreusement sotte. – Assez!... Des erreurs qu'on me souffle, magies, parfums faux, musiques puériles. – Et dire que je tiens la vérité, que je vois la justice: j'ai un jugement sain et arrêtê, je suis prêt pour la perfection... Orgueil. – La peau de ma tête se dessèche. Pitié! Seigneur, j'ai peur. J'ai soif, si soif! Ah! l'enfance, l'herbe, la pluie, le lac sur les pierres, *le clair de lune quand le clocher sonnait douze*... le diable est au clocher, à cette heure. Marie! Sainte-Vierge!... – Horreur de ma bêtise.

Là-bas,ne sont-ce pas des âmes honnêtes, qui me veulent du bien... Venez... J'ai un oreiller sur la bouche, elles ne m'entendent pas, ce sont des fantômes. Puis, jamais personne ne pense à autrui. Qu'on n'approche pas. Je sens le roussi, c'est certain.

Les hallucinations sont innombrables. C'est bien ce que j'ai toujours eu: plus de foi en l'histoire, l'oubli des principes. Je m'en tairai: poëtes et visionnaires seraient jaloux. Je suis mille fois le plus riche, soyons avare comme la mer.

Ah ça! l'horloge de la vie s'est arrêtée tout à l'heure. Je ne suis plus au monde. – La théologie est sérieuse, l'enfer est certainement *en bas* – et le ciel en haut. – Extase, cauchemar, sommeil dans un nid de flammes.

Que de malices dans l'attention dans la campagne... Satan, Ferdinand, court avec les graines sauvages... Jésus marche sur les ronces purpurines, sans les courber... Jésus marchait sur les eaux irritées. La lanterne nous le montra debout, blanc et des tresses brunes, au flanc d'une vague d'émeraude...

Je vais dévoiler tous les mystères: mystères religieux ou naturels, mort, naissance, avenir,

passado, cosmogonia, vazio. Sou exímio em fantasmagorias.

Escutai!...

Possuo todos os talentos! – Aqui não há ninguém e existe alguém: não quero distribuir o meu tesouro. – Querem cânticos negros, danças de huris? Querem que eu desapareça, que mergulhe em demanda do *anel*? Querem? Produzirei ouro, remédios.

Fiai-vos então em mim, a fé serve de alívio, guia, cura. Vinde todos, – até mesmo as criancinhas, – para que eu possa consolar-vos, para que possa distribuir-se por vós o seu coração, – o coração maravilhoso! – Pobres homens, trabalhadores! Não peço orações; ficarei feliz tão somente com a vossa confiança.

– E pensemos em mim. Isto faz-me ter poucas saudades do mundo. Tenho a sorte de já não sofrer. A minha vida não foi senão doces loucuras, é lamentável.

Ora! façamos todas as caretas possíveis e imaginárias.

Decididamente, estamos fora do mundo. Nem um som. O meu tacto desapareceu. Ah! o meu castelo, a minha Saxe, o meu bosque de salgueiros. Os entardeceres, as manhãs, as noites, os dias... Que cansaço o meu!

Eu devia ter o meu inferno para a ira, o meu inferno para o orgulho, – e o inferno da carícia; um concerto de infernos.

Morro de tédio. É o túmulo, vou para os vermes, horror dos horrores! Satanás, farsante, queres dispersar-me com as tuas feitiçarias. Reclamo. Reclamo! um golpe de forquilha, uma gota de fogo.

Ah!, subir de regresso à vida! Volver os olhos para as nossas deformidades. E este veneno, este

passé,cosmogonie, néant. Je suis maître en fantasmagories.

Écoutez!...

J'ai tous les talents! – Il n'y a personne ici et il y a quelqu'un: je ne voudrais pas répandre mon trésor. – Veut-on des chants nègres, des danses de houris? Veut-on que je disparaisse, que je plonge à la recherche de *l'anneau?* Veut-on? Je ferai de l'or, des remèdes.

Fiez-vous donc à moi, la foi soulage, guide, guérit. Tous, venez, – même les petits enfants, – que je vous console, qu'on répande pour vous son cœur, – le cœur merveilleux! – Pauvres hommes, travailleurs! Je ne demande pas de prières; avec votre confiance seulement, je serai heureux.

– Et pensons à moi. Ceci me fait peu regretter le monde. J'ai de la chance de ne pas souffrir plus. Ma vie ne fut que folies douces, c'est regrettable.

Bah! faisons toutes les grimaces imaginables.

Décidément, nous sommes hors du monde. Plus aucun son. Mon tact a disparu. Ah! mon château, ma Saxe, mon bois de saules. Les soirs, les matins, les nuits, les jours... Suis-je las!

Je devrais avoir mon enfer pour la colère, mon enfer pour l'orgueil, – et l'enfer de la caresse; un concert d'enfers.

Je meurs de lassitude. C'est le tombeau, je m'en vais aux vers, horreur de l'horreur! Satan, farceur, tu veux me dissoudre, avec tes charmes. Je réclame. Je réclame! un coup de fourche, une goutte de feu.

Ah! remonter à la vie! Jeter les yeux sur nos difformités. Et ce poison, ce baiser mille fois maudit!

beijo mil vezes maldito! Minha fraqueza, a crueza do mundo! Piedade, meu Deus, escondei-me, sinto--me tão mal! – Escondo-me e não estou escondido.

É o fogo que se ergue com o seu maldito.

Ma faiblesse, la cruauté du monde! Mon Dieu, pitié, cachez-moi, je me tiens trop mal! – Je suis caché et je ne le suis pas.

C'est le feu qui se relève avec son damné.

DELÍRIOS
I

VIRGEM LOUCA

O ESPOSO INFERNAL

Escutemos a confissão de um companheiro de inferno:

«Ó divino Esposo, meu Senhor, não recuses a confissão da mais triste das tuas servas. Estou perdida. Estou prenhe. Estou impura. Que vida!

«Perdão, divino Senhor, perdão! Oh, perdão! Quantas lágrimas! E quantas lágrimas depois, mais tarde, espero eu!

«Mais tarde, conhecerei o divino Esposo! Nasci submissa a ele. – O outro pode agora espancar-me!

«Neste momento, estou nos confins do mundo! Ó amigas minhas!... não, amigas não... Nunca delírios nem torturas semelhantes... Que tolice!

«Ah!, sofro, grito. Sofro deveras. No entanto, tudo me é permitido, carregada do desprezo dos corações mais desprezíveis.

DÉLIRES
I

VIERGE FOLLE

L'ÉPOUX INFERNAL

Écoutons la confession d'un compagnon d'enfer:

«Ô divin Époux, mon Seigneur, ne refusez pas la confession de la plus triste de vos servantes. Je suis perdue. Je suis soûle. Je suis impure. Quelle vie!

«Pardon; divin Seigneur, pardon! Ah! pardon! Que de larmes! Et que de larmes encore plus tard, j'espère!

«Plus tard, je connaîtrai le divin Époux! Je suis née soumise à Lui. – L'autre peut me battre maintenant!

«A présent, je suis au fond du monde! Ô mes amies!... non, pas mes amies... Jamais délires ni tortures semblables... Est-ce bête!

«Ah! je souffre, je crie. Je souffre vraiment. Tout pourtant m'est permis, chargée du mépris des plus méprisables cœurs.

«Enfim, façamos esta confidência, embora arriscando-me a ter de a repetir mais outras vinte vezes, – tão abatida, tão insignificante!

«Sou escrava do Esposo infernal, o que perdeu as virgens loucas. É mesmo esse demónio. Não é um espectro, não é um fantasma. Mas eu, que perdi a sensatez, que estou maldita e morta para o mundo, – nunca me matarão! – Como vo-lo poderei descrever? Já nem consigo falar. Ando de luto, choro, tenho medo. Uma aragem fresca, Senhor, por vossa mercê, por quem sois!

«Sou viúva... – Era viúva... – sim, fui muito séria, outrora, e não nasci para me tornar um esqueleto!... – Ele era quase uma criança... As suas misteriosas delicadezas tinham-me seduzido. Esqueci todas as minhas obrigações humanas para o seguir. Que vida! A verdadeira vida não está aqui. Nós não estamos no mundo. Vou onde ele vai, que remédio. E muitas vezes enfurece-se comigo, *comigo, pobre alma*. O Demónio! – É um Demónio, sabeis?, *não é um homem*.

«Ele diz: "Não gosto das mulheres. Falta reinventar o amor, já se sabe. Elas querem tão somente assegurar a sua posição. Uma vez conseguida, coração e bondade são postos de lado: permanece apenas um frio desdém, hoje alimento do matrimónio. Ou então vejo mulheres, com os sinais da felicidade, nas quais *eu* poderia ter boas companheiras, devoradas antes de mais por gente bruta sensível como cremadeiras..."

«Eu oiço-o, enquanto faz da infâmia uma glória, da crueldade um encanto. "Sou de raça remota: os meus pais eram Escandinavos: sovelavam as costelas, bebiam o próprio sangue. – Hei-de fazer entalhas pelo corpo todo, tatuagens, quero tornar--me hediondo como um Mongol: hás-de ver, urrarei

«Enfin, faisons cette confidence, quitte à la répéter vingt autres fois, – aussi morne, aussi insignifiante!

«Je suis esclave de l'Époux infernal, celui qui a perdu les vierges folles. C'est bien ce démon-là. Ce n'est pas un spectre, ce n'est pas un fantôme. Mais moi qui ai perdu la sagesse, qui suis damnée et morte au monde, – on ne me tuera pas! – Comment vous le décrire! Je ne sais même plus parler. Je suis en deuil, je pleure, j'ai peur. Un peu de fraîcheur, Seigneur, si vous voulez, si vous voulez bien!

«Je suis veuve... – J'étais veuve... – mais oui, j'ai été bien sérieuse jadis, et je ne suis pas née pour devenir squelette!... – Lui était presque un enfant... Ses délicatesses mystérieuses m'avaient séduite. J'ai oublié tout mon devoir humain pour le suivre. Quelle vie! La vraie vie est absente. Nous ne sommes pas au monde. Je vais où il va, il le faut. Et souvent il s'emporte contre moi, *moi, la pauvre âme*. Le Démon! – C'est un Démon, vous savez, *ce n'est pas un homme.*

«Il dit: «Je n'aime pas les femmes. L'amour est à réinventer, on le sait. Elles ne peuvent plus que vouloir une position assurée. La position gagnée, cœur et beauté sont mis de côté: il ne reste que froid dédain, l'aliment du mariage, aujourd'hui. Ou bien je vois des femmes, avec les signes du bonheur, dont, moi, j'aurai pu faire de bonnes camarades, dévorées tout d'abord par des brutes sensibles comme des bûchers...»

«Je l'écoute faisant de l'infamie une gloire, de la cruauté un charme. «Je suis de race lointaine: mes pères étaient Scandinaves: ils se perçaient les côtes, buvaient leur sang. – Je me ferai des entailles partout le corps, je me tatouerai, je veux devenir hideux comme un Mongol: tu verras, je

pelas ruas. Quero ficar mesmo louco de raiva. Nunca me mostres jóias, rojar-me-ia contorcido na alfombra. Gostaria que a minha riqueza estivesse toda manchada de sangue. Nunca trabalharei..." Muitas noites, tomando-me o seu demónio, rolávamos, eu lutando com ele! – À noite, com frequência, ébrio, posta-se na rua ou em casas para me aterrar de morte. – "Vão mesmo cortar-me o pescoço; vai ser nojento." Oh! esses dias em que ele quer andar com ar de criminoso!

«Por vezes, numa espécie de algaravia condoída, fala da morte que provoca o arrependimento, dos infelizes que certamente existem, dos trabalhos árduos, das despedidas que dilaceram os corações. Nas espeluncas onde nos emborrachávamos, chorava ao atentar naqueles que nos rodeavam, gado humano da miséria. Só erguia os bêbedos caídos nas ruas escuras. Apiedava-se das criancinhas como uma mãe malvada. – Ia-se embora com delicadezas de menina no catecismo. – Fingia ser esclarecido em relação a tudo, comércio, arte, medicina. – Eu seguia-o, que remédio!

«Eu via todo o aparato com que ele se ornava em imaginação; roupas, lençóis, móveis: eu emprestava-lhe armas, uma imagem diferente. Eu via tudo o que lhe era caro, como ele teria gostado de o criar para si mesmo. Quando me parecia haver inércia no seu humor, seguia-o, sim, em acções estranhas e complicadas, longe, fossem boas ou más: eu tinha a certeza de que nunca entraria no mundo dele. Ao lado do seu querido corpo adormecido, quantas horas de noites velei, tentando encontrar a razão por que ele desejava tanto evadir-se da realidade. Nunca homem nenhum fez um voto assim. Eu reconhecia, – sem temer por ele, – que ele podia constituir um sério perigo em sociedade. – Terá porventura segredos para *mudar a vida*? Não, ele procura-os

hurlerai dans les rues. Je veux devenir bien fou de rage. Ne me montre jamais de bijoux, je ramperais et me tordrais sur le tapis. Ma richesse, je la voudrais tachée de sang partout. Jamais je ne travaillerai...» Plusieurs nuits, son démon me saisissant, nous nous roulions, je luttais avec lui! – Les nuits, souvent, ivre, il se poste dans des rues ou dans des maisons, pour m'épouvanter mortellement. – «On me coupera vraiment le cou; ce sera dégoûtant.» Oh! ces jours où il veut marcher avec l'air du crime!

«Parfois il parle, en une façon de patois attendri, de la mort qui fait repentir, des malheureux qui existent certainement, des travaux pénibles, des départs qui déchirent les coeurs. Dans les bouges où nous nous enivrions, il pleurait en considérant ceux qui nous entouraient, bétail de la misère. Il relevait les ivrognes dans les rues noires. Il avait la pitié d'une mère méchante pour les petits enfants. – Il s'en allait avec des gentillesses de petite fille au catéchisme. – Il feignait d'être éclairé sur tout, commerce, art, médecine. – Je le suivais, il le faut!

«Je voyais tout le décor dont, en esprit, il s'entourait; vêtements, draps, meubles: je lui prêtais des armes, une autre figure. Je voyais tout ce qui le touchait, comme il aurait voulu le créer pour lui. Quand il me semblait avoir l'esprit inerte, je le suivais, moi, dans des actions étranges et compliquées, loin, bonnes ou mauvaises: j'étais sûre de ne jamais entrer dans son monde. A côté de son cher corps endormi, que d'heures des nuits j'ai veillé, cherchant pourquoi il voulait tant s'évader de la réalité. Jamais homme n'eût pareil vœu. Je reconnaissais, – sans craindre pour lui, – qu'il pouvait être un sérieux danger dans la société. – Il a peut-être des secrets pour *changer la vie?* Non, il ne fait qu'en chercher, me répliquais-

apenas, dizia eu para mim mesma. Ao fim de contas, a sua caridade está enfeitiçada, e sou eu a prisioneira. Nenhuma outra alma teria semelhante força, – força de desespero! – para a suportar, – para ser protegida e amada por ele. Além do mais, não conseguiria imaginá-lo sendo com outra alma: vemos o nosso Anjo, nunca o Anjo de outrém, – creio eu. Encontrava-me na sua alma como num palácio esvaziado de propósito para que não se visse alguém tão pouco nobre como eu: é assim. Ai de mim! dependia tanto dele. Mas que queria ele da minha existência parda e cobarde? Não me tornava melhor, se não me provocava a morte! Tristemente despeitada, disse-lhe algumas vezes: "Compreendo--te." Ele encolhia os ombros.

«Assim, renovando-se constantemente a minha mágoa, e achando-me cada vez mais perdida – a meus olhos como aos de quem quer que me fixasse, se houvera alguém, pois estava para sempre condenada ao esquecimento de todos! – sentia cada vez mais fome da sua bondade. Os seus beijos e abraços amorosos, eram o céu, um céu sombrio em que eu entrava e onde gostaria que me deixassem, pobre, surda, muda, cega. Começava já a habituar-me. Imaginava-nos como duas crianças bondosas, livres de passearem no Paraíso de tristeza. Conciliar-nos--íamos. Emocionadíssimos, trabalharíamos juntos. Mas, depois de uma profunda carícia, dizia-me: "Quando eu já não estiver cá, há-de parecer-te estranho tudo isto por que passaste. Quando os meus braços já não te ampararem, nem tiveres o meu coração para repousar, nem esta boca aflorando os teus olhos. Porque terei de partir, um dia, para muito longe. Além disso, tenho de ir ajudar outras pessoas: é dever meu. Se bem que isso não seja nada estimulante..., querida alma..." E eu logo pressentia que, mal ele se fosse,

-je. Enfin sa charité est ensorcelée, et j'en suis la prisonnière. Aucune autre âme n'aurait assez de force, – force de désespoir! – pour la supporter, – pour être protégée et aimée par lui. D'ailleurs, je ne me le figurais pas avec une autre âme: on voit son Ange, jamais l'Ange d'un autre, – je crois. J'étais dans son âme comme dans un palais qu'on a vidé pour ne pas voir une personne si peu noble que vous: voilà tout. Hélas! je dépendais bien de lui. Mais que voulait-il avec mon existence terne et lâche? Il ne me rendait pas meilleure, s'il ne me faisait pas mourir! Tristement dépitée, je lui dis quelquefois: «Je te comprends.» Il haussait les épaules.

«Ainsi, mon chagrin se renouvelant sans cesse, et me trouvant plus égarée à mes yeux, comme à tous les yeux qui auraient voulu me fixer, si je n'eussse été condamnée pour jamais à l'oubli de tous! – j'avais de plus en plus faim de sa bonté. Avec ses baisers et ses étreintes amies, c'était bien un ciel, un sombre ciel, où j'entrais, et où j'aurais voulu être laissée, pauvre, sourde, muette, aveugle. Déjà j'en prenais l'habitude. Je nous voyais comme deux bons enfants, libres de se promener dans le Paradis de tristesse. Nous nous accordions. Bien émus, nous travaillions ensemble. Mais, après une pénétrante caresse, il disait: «Comme ça te paraîtra drôle, quand je n'y serai plus, ce par quoi tu as passé. Quand tu n'auras plus mes bras sous ton cou, ni mon cœur pour t'y reposer, ni cette bouche sur tes yeux. Parce qu'il faudra que je m'en aille, très-loin, un jour. Puis il faut que j'en aide d'autres: c'est mon devoir. Quoique ce ne soit guère ragoûtant..., chère âme...» Tout de suite je me pressentais, lui parti, en proie au vertige, précipitée dans l'ombre

arrebatado pela vertigem, eu me precipitaria na sombra mais horrenda: a morte. Obrigava-o a prometer que nunca me abandonaria. Fez vinte vezes essa promessa de amante. Era tão frívola como eu ao dizer-lhe: "Compreendo-te".

«Ah! nunca tive ciúmes dele. Ele nunca me deixará, penso eu. Tornar-se o quê? Não tem um único conhecido, nunca trabalhará. Quer viver sonâmbulo. A sua bondade e caridade dar-lhe-iam por si só direitos no mundo real? Por instantes, esqueço a piedade a que cheguei: ele tornar-me-á forte, viajaremos, caçaremos nos desertos, dormiremos nas calçadas de cidades desconhecidas, sem preocupações, sem mágoas. Ou então acordarei, e as leis e mentalidades terão entretanto mudado, – graças ao seu poder mágico, – o mundo, permanecendo o mesmo, deixar-me-á desfrutar dos meus desejos, alegrias, abandonos. Oh! poderás dar-me a vida de aventuras que há nos livros das crianças, para me recompensar, eu que tanto sofri? Não pode. Ignoro o seu ideal. Disse-me que tinha arrependimentos, esperanças: isso não deve ter a ver comigo. Falará com Deus? Talvez eu devesse dirigir-me a Deus. Estou no mais profundo dos abismos, e já não sei rezar.

«Se ele me falasse das tristezas que sente, compreendê-las-ia eu melhor do que as suas troças? Ataca-me, passa horas a fazer-me envergonhar de tudo o que foi importante para mim no mundo, e fica indignado quando choro.

« – Estás a ver?, um homem elegante e jovem entra numa casa bela e sossegada: chama-se Duval, Dufour, Armand, Maurice, sei lá! Uma mulher dedicou-se a amar esse malvado idiota: já morreu, neste momento é certamente uma santa no céu. Hás-de matar-me como ele matou essa mulher. É o nosso destino, o dos corações bondosos..." Ai! havia

la plus affreuse: la mort. Je lui faisais promettre qu'il ne me lâcherait pas. Il l'a faite vingt fois, cette promesse d'amant. C'était aussi frivole que moi lui disant: «Je te comprends.»

«Ah! je n'ai jamais été jalouse de lui. Il ne me quittera pas, je crois. Que devenir? Il n'a pas une connaissance; il ne travaillera jamais. Il veut vivre somnambule. Seules, sa bonté et sa charité lui donneraient-elles droit dans le monde réel? Par instants, j'oublie la pitié où je suis tombée: lui me rendra forte, nous voyagerons, nous chasserons dans les déserts, nous dormirons sur les pavés des villes inconnues, sans soins, sans peines. Ou je me réveillerai, et les lois et les mœurs auront changé, – grâce à son pouvoir magique, – le monde, en restant le même, me laissera à mes désirs, joies, nonchalances. Oh! la vie d'aventures qui existe dans les livres des enfants, pour me récompenser, j'ai tant souffert, me la donneras-tu? Il ne peut pas. J'ignore son idéal. Il m'a dit avoir des regrets, des espoirs: cela ne doit pas me regarder. Parle-t-il à Dieu? Peut-être devrais-je m'adresser à Dieu. Je suis au plus profond de l'abîme, et je ne sais plus prier.

«S'il m'expliquait ses tristesses, les comprendrais-je plus que ses railleries? Il m'attaque, il passe des heures à me faire honte de tout ce qui m'a pu toucher au monde, et s'indigne si je pleure.

« – Tu vois cet élégant jeune homme, entrant dans la belle et calme maison: il s'appelle Duval, Dufour, Armand, Maurice, que sais-je? Une femme s'est dévouée à aimer ce méchant idiot: elle est morte, c'est certes une sainte au ciel, à présent. Tu me feras mourir comme il a fait mourir cette femme. C'est notre sort, à nous, cœurs

dias em que todos os homens diligentes lhe pareciam joguetes de grotescos delírios: ria de forma medonha, durante muito tempo. – Depois, recobrava os seus modos de jovem mãe, de irmã amada. Se ele fosse menos selvagem, estaríamos salvos! Mas a sua candura é igualmente mortal. Submeto-me a ele. – Ah! que louca sou!

«Talvez um dia ele desapareça admiravelmente; mas preciso de saber, se ele subir para um céu qualquer, preciso de ver um instante que seja a assunção do meu amado!»

Estranha forma de vida!

charitables...» Hélas! il avait des jours où tous les hommes agissant lui paraissaient les jouets de délires grotesques: il riait affreusement, longtemps. – Puis, il reprenait ses manières de jeune mère, de sœur aimée. S'il était moins sauvage, nous serions sauvés! Mais sa douceur aussi est mortelle. Je lui suis soumise. – Ah! je suis folle!

«Un jour peut-être il disparaîtra merveilleusement; mais il faut que je sache, s'il doit remonter à un ciel, que je voie un peu l'assomption de mon petit ami!»

Drôle de ménage!

DELÍRIOS
II

ALQUIMIA DO VERBO

Minha. A história de uma das minhas loucuras.

Há muito que me vangloriava de possuir todas as paisagens possíveis, e achava dignas de escárnio as celebridades da pintura e da poesia moderna.

Apreciava as pinturas idiotas, guarnições de portas, cenários, telas de saltimbancos, tabuletas, gravuras populares; a literatura fora de moda, latim de igreja, livros eróticos com erros ortográficos, romances das nossas avós, contos de fadas, livrinhos de infância, velhas óperas, refrões simplórios, ritmos ingénuos.

Sonhava cruzadas, viagens de descobertas cujo registo não se fez, repúblicas sem histórias, guerras de religião abafadas, revoluções de costumes, deslocações de povos e de continentes: acreditava em todos os encantos.

Inventei a cor das vogais!

– *A* preto, *E* branco, *I* vermelho, *O* azul, *U* verde. –

DÉLIRES
II

ALCHIMIE DU VERBE

A moi. L'histoire d'une de mes folies.

Depuis longtemps je me vantais de posséder tous les paysages possibles, et trouvais dérisoires les célébrités de la peinture et de la poésie moderne.

J'aimais les peintures idiotes, dessus de portes, décors, toiles de saltimbanques, enseignes, enluminures populaires; la littérature démodée, latin d'église, livres érotiques sans orthographe, romans de nos aïeules, contes de fées, petits livres de l'enfance, opéras vieux, refrains niais, rhythmes naïfs.

Je rêvais croisades, voyages de découvertes dont on n'a pas de relations, républiques sans histoires, guerres de religion étouffées, révolutions de mœurs, déplacements de races et de continents: je croyais à tous les enchantements.

J'inventai la couleur des voyelles! – *A* noir, *E* blanc, *I* rouge, *O* bleu, *U* vert. – Je réglai la

Determinei regras para a forma e movimento de cada consoante, e, com ritmos instintivos, gabei-me de ter inventado um verbo poético acessível, mais dia menos dia, a todos os sentidos. Reservava para mim a tradução.

Inicialmente foi um ensaio. Escrevia silêncios, noites, anotava o inexprimível. Fixava vertigens.

Longe das aves, dos rebanhos, das camponesas,
Que bebia eu, ajoelhado neste brejo
com tenros lenhos de aveleira em redor,
Numa névoa de tarde morna e verde?

Que poderia eu beber nesta Oise tão recente,
– Ulmeiros sem voz, relva sem flores, céu coberto! –
Beber a essas calabaças amarelas,
de minha cabana ausente
Querida? Algum licor de ouro que faça transpirar.

Enganador letreiro, de estalagem me parecia
– Uma tormenta castigou o céu. Ao anoitecer
A água dos bosques entre areias virgens se perdia,
O vento de Deus lançava gelo nos charcos;

Chorando, eu via ouro – e não pude beber. –

No verão, às quatro horas da madrugada,
Dura ainda o sono do amor.
Sob o arvoredo evola-se o odor
Da noite festejada.

forme et le mouvement de chaque consonne, et, avec des rhythmes instinctifs, je me flattai d'inventer un verbe poétique accessible, un jour ou l'autre, à tous les sens. Je réservais la traduction.

Ce fut d'abord une étude. J'écrivais des silences, des nuits, je notais l'inexprimable. Je fixais des vertiges.

Lois des oiseaux, des troupeaux, des villageoises,
Que buvais-je, à genoux dans cette bruyère
Entourée de tendres bois de noisetiers,
Dans un brouillard d'après-midi tiède et vert?

Que pouvais-je boire dans cette jeune Oise,
– Ormeaux sans voix, gazon sans fleurs, ciel couvert! –
Boire à ces gourdes jaunes, loin de ma case
Chérie? Quelque liqueur d'or qui fait suer.

Je faisais une louche enseigne d'auberge.
– Un orage vint chasser le ciel. Au soir
L'eau des bois se perdait sur les sables vierges,
Le vent de Dieu jetait des glaçons aux mares;

Pleurant, je voyais de l'or – et ne pus boire. –

A quatre heures du matin, l'été,
Le sommeil d'amour dure encore.
Sous les bocages s'évapore
L'odeur du soir fêtê.

Ao longe, na vastidão das suas oficinas
Ao sol das Hespérides,
Agitam-se já – em mangas de camisa –
Os Carpinteiros.

Nos seus desertos de musgo, em tranquilidade,
Preparam os lambris preciosos
Onde a cidade
Pintará céus enganosos.

Oh!, para tais Operários cativantes
Súbditos de um rei da Babilónia,
Vénus! deixa por momentos os Amantes
Cujas almas coroadas são de glória.

Ó Rainha dos Pastores,
Leva aguardente aos trabalhadores,
Que as suas forças possam aguardar
Em paz o meio-dia, para banhar-se no mar.

A velharia poética participava bastante na minha alquimia do verbo.

Habituei-me à alucinação simples: via clarissimamente uma mesquita onde estava uma fábrica, uma escola de tambores feita por anjos, caleches nas estradas do céu, um salão na profundeza de um lago; os monstros, os mistérios; um cartaz de teatro de revista erguia pavores à minha frente.

Depois, explicava os meus sofismas mágicos com a alucinação das palavras!

Acabei por considerar sagrada a desordem do meu espírito. Estava ocioso, atormentado por uma febre alta: invejava a Felicidade dos animais, – as larvas, que representam a inocência dos limbos, as

Là-bas, dans leur vaste chantier
Au soleil des Hespérides,
Déjà s'agitent – en bras de chemise –
Les Charpentiers.

Dans leurs Déserts de mousse, tranquilles,
Ils préparent les lambris précieux
Où la ville
Peindra de faux cieux.

Ô, pour ces Ouvriers charmants
Sujets d'un roi de Babylone,
Vénus! quitte un instant les Amants
Dont l'âme est en couronne.

Ô Reine des Bergers,
Porte aux travailleurs l'eau-de-vie,
Que leurs forces soient en paix
En attendant le bain dans la mer à midi.

La vieillerie poétique avait une bonne part dans mon alchimie du verbe.

Je m'habituai à l'hallucination simple: je voyais très-franchement une mosquée à la place d'une usine, une école de tambours faite par des anges, des calèches sur les routes du ciel, un salon au fond d'un lac; les monstres, les mystères; un titre de vaudeville dressait des épouvantes devant moi.

Puis j'expliquai mes sophismes magiques avec l'hallucination des mots!

Je finis par trouver sacré le désordre de mon esprit. J'étais oisif, en proie à une lourde fièvre: j'enviais la félicité des bêtes, – les chenilles, qui représentent l'innocence des limbes, les taupes, le

toupeiras, o sono da virgindade!

O meu carácter azedava-se. Eu dizia adeus ao mundo numas espécies de romanças:

CANÇÃO DA MAIS ALTA TORRE

Que venha, que venha então,
O tempo da paixão.
De tanta paciência usei
Com tal temer e penar
P'ra sempre os olvidei
E p'ró céu os vi voar.
Esta sede doentia
Meu sangue escurecia.

Que venha, que venha então,
O tempo da paixão.
Tal qual a pradaria
Ao esquecimento votada,
Aumentada, e florida
De incensos e restolhada,
A este fero bordão
As moscas qu'andam no chão.

Que venha, que venha então,
O tempo da paixão.

Amava o deserto, os hortos queimados, as lojas decadentes, as bebidas amornadas. Arrastava-me pelas ruelas fétidas e, de olhos fechados, oferecia--me ao sol, deus de fogo.

«General, se ainda tens um velho canhão nas muralhas da tua fortaleza em ruínas, bombardeia--nos com torrões de terra. Aos vidros dos estabelecimentos sumptuosos! nos salões! Obriga a cidade

sommeil de la virginité!

Mon caractère s'aigrissait. je disais adieu au monde dans d'espèces de romances:

CHANSON DE LA PLUS HAUTE TOUR.

Qu'il vienne, qu'il vienne,
Le temps dont on s'éprenne.

J'ai tant fait patience
Qu'à jamais j'oublie.
Craintes et souffrances
Aux cieux sont parties.
Et la soif malsaine
Obscurcit mes veines.

Qu'il vienne, qu'il vienne,
Le temps dont on s'éprenne.

Telle la prairie
A l'oubli livrée,
Grandie, et fleurie
D'encens et d'ivraies,
Au bourdon farouche
Des sales mouches.

Qu'il vienne, qu'il vienne,
Le temps dont on s'éprenne.

J'aimai le désert, les vergers brûlés, les boutiques fanées, les boissons tiédies. Je me traînais dans les ruelles puantes et, les yeux fermés, je m'offrais au soleil, dieu de feu.

«Général, s'il reste un vieux canon sur tes remparts en ruines, bombarde-nous avec des blocs de terre sèche. Aux glaces des magasins splendides! dans les salons! Fais manger sa poussière à la ville.

a comer essa poeira. Oxida as gárgulas. Enche os toucadores de pó de rubi ardente...»

Oh! o mosquito ébrio no urinol do albergue, apaixonado pela borragem, e que dispersa um raio de luz!

FOME

Gosto não tenho senão
De terra e pedras provar
Rocha, ar, ferro e carvão
São sempre o meu almoçar.

Minhas fomes girai, ai fomes pastai
No prado dos sons
Das campainhas o ledo
Veneno chamai.

Comei os calhaus que por nós são quebrados
E as pedras velhas daquelas oradas;
De velhos dilúvios os seixos rolados,
Em vales sombrios são pães semeados.

Sob as folhas o lobo gritava
Das aves do seu repasto
As penas formosas cuspindo:
Como ele, me vou consumindo.

Aos legumes e frutos
A colheita vinha bem;
Mas a aranha do muro
Só violetas não tem.

Oxyde les gargouilles. Emplis les boudoirs de poudre de rubis brûlante...»

Oh! le moucheron enivré à la pissotière de l'auberge, amoureux de la bourrache, et que dissout un rayon!

FAIM

Si j'ai du goût, ce n'est guère
Que pour la terre et les pierres.
Je déjeune toujours d'air,
De roc, de charbons, de fer.

Mes faims, tournez. Paissez, faims,
    Le pré des sons.
Attirez le gai venin
    Des liserons.

Mangez les cailloux qu'on brise,
Les vieilles pierres d'églises;
Les galets des vieux déluges,
Pains semés dans les vallées grises.

Le loup criait sous les feuilles
En crachant les belles plumes
De son repas de volailles:
Comme lui je me consume.

Les salades, les fruits
N'attendent que la cueillette;
Mais l'araignée de la haie
Ne mange que des violettes.

Que eu durma! que eu ferva
Nos altares de Salomão
Corre o caldo na ferrugem
E mistura-se ao Cedrão.

Por fim, ó felicidade, ó razão, afastei do céu o azul, que negro é, e vivi, centelha de ouro da luz *natura*. De alegria feita, a expressão que eu assumia era o mais possível burlesca e extraviada:

Foi de novo achada!
O quê? a eternidade.
É o mar misturado
Com o sol.

A minh'alma eterna
O teu voto cumpre
Mas a noite é erma
E o dia lume.

Desligas-te, pois,
Das humanas votações,
Dos comuns ardores!
Tu voas conforme...

– Jamais a esperança.
Nem *orietur.*
Ciência e paciência,
Certo é o martírio.
De amanhãs, é o fim,
Brasas de cetim.
O vosso arder –
É o dever. –

Que je dorme! que je bouille
Aux autels de Salomon.
Le bouillon court sur la rouille,
Et se mêle au Cédron.

Enfin, ô bonheur, ô raison, j'écartai du ciel l'azur, qui est du noir, et je vécus, étincelle d'or de la lumière *nature*. De joie, je prenais une expression bouffonne et égarée au possible:

Elle est retrouvée!
Quoi? l'éternité.
C'est la mer mêlée
Au soleil.

Mon âme éternelle,
Observe ton vœu
Malgré la nuit seule
Et le jour en feu.

Donc tu te dégages
Des humains suffrages,
Des communs élans!
Tu voles selon.....

– Jamais l'espérance.
Pas *d'orietur.*
Science et patience,
Le supplice est sûr.

Plus de lendemain,
Braises de satin,
Votre ardeur
Est le devoir.

Foi de novo achada!
O quê? a eternidade.
É o mar misturado
Com o sol.

Tornei-me numa fabulosa ópera: vi que todos os seres têm um destino inevitável de felicidade: a acção não é a vida, mas uma maneira de estragar alguma força, uma enervação. A moral é a fraqueza da cabeça.

A cada ser, várias *outras* vidas me pareciam devidas. Este senhor não sabe o que faz: é um anjo. Esta família é uma corja de cães. Diante de vários homens, cavaqueei altíssimo com um momento de uma das suas outras vidas. – Assim, amei um cevado.

Nenhum dos sofismas da loucura, – da loucura que encerramos, – foi por mim esquecido: podia repeti-los todos, detenho esse sistema.

A minha saúde foi ameaçada. O terror aparecia. Caía em sonos longos de vários dias, e, desperto, continuava a ter os mais tristes sonhos. Estava quase a finar-me, e a minha fraqueza conduzia-me por uma estrada de perigos aos confins do mundo e da Ciméria, pátria da sombra e dos turbilhões.

Tive de viajar, distrair os encantamentos reunidos no meu cérebro. Sobre o mar, que eu amava como se me tivesse conseguido lavar uma mácula, eu via elevar-se a cruz consoladora. Tinha sido amaldiçoado pelo arco-íris. A Felicidade era o meu destino inevitável, o meu remorso, o meu caruncho: a minha vida seria sempre demasiado imensa para ser dedicada à força e à beleza.

A Felicidade! Os seus dentes, suaves como a morte, advertiam-me ao cantar do galo, – *ad*

Elle est retrouvée!
– Quoi? – L'Éternité.
C'est la mer mêlée
Au soleil.

Je devins un opéra fabuleux: je vis que tous les êtres ont une fatalité de bonheur: l'action n'est pas la vie, mais une façon de gâcher quelque force, un énervement. La morale est la faiblesse de la cervelle.

A chaque être, plusieurs *autres* vies me semblaient dues. Ce monsieur ne sait ce qu'il fait: il est un ange. Cette famille est une nichée de chiens. Devant plusieurs hommes, je causai tout haut avec un moment d'une de leurs autres vies. – Ainsi, j'ai aimé un porc.

Aucun des sophismes de la folie, – la folie qu'on enferme, – n'a été oublié par moi: je pourrais les redire tous, je tiens le système.

Ma santé fut menacée. La terreur venait. Je tombais dans des sommeils de plusieurs jours, et, levé, je continuais les rêves les plus tristes. J'étais mûr pour le trépas, et par une route de dangers ma faiblesse me menait aux confins du monde et de la Cimmérie, patrie de l'ombre et des tourbillons.

Je dus voyager, distraire les enchantements assemblés sur mon cerveau. Sur la mer, que j'aimais comme si elle eût dû me laver d'une souillure, je voyais se lever la croix consolatrice. J'avais été damné par l'arc-en-ciel. Le Bonheur était ma fatalité, mon remords, mon ver: ma vie serait toujours trop immense pour être dévouée à la force et à la beauté.

Le Bonheur! Sa dent, douce à la mort, m'avertissait au chant du coq, – *ad matutinum,* au

matutinum, ao *Christus venit*, – nas cidades mais sombrias:

Ó estações, ó castelos!
Que alma não tem defeitos?

Da felicidade, fiz o estudo mago
Que ninguém seja burlado.

Saudações, pois, de cada vez
Que cantar o galo gaulês.
Ah! minha vontade já se acabou:
Da minha vida ele se encarregou.

Alma e corpo este encanto tomou
E os esforços logo dispersou.

Ó estações, ó castelos!
Ai, mas a hora em que se escapar
Será a hora em que se finar.

Ó estações, ó castelos!

Isto foi. Hoje, sei saudar a beleza.

Christus venit, – dans les plus sombres villes:

Ô saisons, ô châteaux!
Quelle âme est sans défauts?

J'ai fait la magique étude
Du bonheur, qu'aucun n'élude.

Salut à lui, chaque fois
Que chante le coq gaulois.
Ah! je n'aurai plus d'envie:
Il s'est chargé de ma vie.

Ce charme a pris âme et corps
Et dispersé les efforts.

Ô saisons, ô châteaux!

L'heure de sa fuite, hélas!
Sera l'heure du trépas.

Ô saisons, ô châteaux!

Cela s'est passé. Je sais aujourd'hui saluer la beauté.

O IMPOSSÍVEL

Ah!, esta vida da minha infância, a grande estrada por todos os tempos, sóbria sobrenaturalmente, mais desinteressada que o melhor dos mendigos, orgulhoso de não ter terra, nem amigos, que parvoíce era. – Só agora me dou conta disso!

– Tive razão em desprezar esses badamecos que não perdiam uma ocasião para acariciar, parasitas da limpeza e da saúde das nossas mulheres, hoje que elas tanto discordam de nós.

Tive razão em todos os meus desdéns: já que me evado!

Evado-me!

Passo a explicar-me.

Ainda ontem suspirava: «Céu! já somos malditos de mais aqui em baixo! E eu já estou há tanto tempo nesta trupe! Conheço-os a todos. Reconhecemo-nos sempre; metemos nojo uns aos outros. Desconhecemos o que seja a caridade. Mas nós somos bem educados; as nossas relações com o mundo são do mais conveniente.» É de espantar? O mundo! comerciantes, ingénuos! – Não estamos desonrados. – Mas como nos receberiam os eleitos? Pois há gente intratável e jovial, falsos eleitos, visto que é preciso

L'IMPOSSIBLE

—

Ah! cette vie de mon enfance, la grande route par tous les temps, sobre surnaturellement, plus désintéressé que le meilleur des mendiants, fier de n'avoir ni pays, ni amis, quelle sottise c'était. – Et je m'en aperçois seulement!

– J'ai eu raison de mépriser ces bonshommes qui ne perdraient pas l'occasion d'une caresse, parasites de la propreté et de la santé de nos femmes, aujourd'hui qu'elles sont si peu d'accord avec nous.

J'ai eu raison dans tous mes dédains: puisque je m'évade!

Je m'évade!

Je m'explique.

Hier encore, je soupirais: «Ciel! sommes-nous assez de damnés ici-bas! Moi j'ai tant de temps déjà dans leur troupe! Je les connais tous. Nous nous reconnaissons toujours; nous nous dégoûtons. La charité nous est inconnue. Mas nous sommes polis; nos relations avec le monde sont très-convenables.» Est-ce étonnant? Le monde! les marchands, les naïfs! – Nous ne sommes pas déshonorés. – Mais les élus, comment nous recevraient-ils? Or il y a des gens hargneux et joyeux, de faux élus, puisqu'il nous faut

termos audácia ou humildade para os abordarmos. São os únicos eleitos. Não são aprobatórios!

Tendo recobrado dois dedos de tino – passa depressa! – vejo que as minhas indisposições vêm de me não ter apercebido mais cedo de que estamos no Ocidente. Os pântanos ocidentais! Não é que eu creia que a luz esteja alterada, a forma extenuada, o movimento disperso... Bom! Eis que a minha mente resolveu forçosamente encarregar-se de todos os desenvolvimentos cruéis sofridos pelo espírito desde o fim do Oriente... É o que ela quer, a minha mente!

... Os meus dois dedos de tino acabaram! – A mente é autoridade, quer que eu esteja no Ocidente. Era preciso calá-la para concluir como eu queria.

Eu mandava para o ao diabo as palmas dos mártires, os primores da arte, o orgulho dos inventores, o ardor dos gatunos; regressava ao Oriente e à sabedoria prima e eterna. – Parece ser um sonho de preguiça grosseira!

No entanto, não pensava sequer no prazer de escapar aos sofrimentos modernos. Não visava a sabedoria bastarda do Çorão. – Mas não será um verdadeiro suplício que, desde esta declaração da ciência, o cristianismo, o homem *se jogue*, prove evidências, inche com o prazer de repetir essas provas, e só saiba viver dessa forma? Tortura subtil, tola; fonte das minhas divagações espirituais. A natureza poderia talvez enfadar-se! O senhor Dr. Sabichão nasceu com Cristo.

Não será por nos dedicarmos a cultivar a névoa? Comemos a febre com os nossos legumes aquosos. E a bebedeira!, e o tabaco!, e a ignorância!, e as dedicações! – Tudo isso estará suficientemente distante do pensamento da sabedoria do Oriente, a pátria primitiva? Porquê um mundo moderno, se

de l'audace ou de l'humilité pour les aborder. Ce sont les seuls élus. Ce ne sont pas des bénisseurs!

M'étant retrouvé deux sous de raison – ça passe vite! – je vois que mes malaises viennent de ne m'être pas figuré assez tôt que nous sommes à l'Occident. Les marais occidentaux! Non que je croie la lumière altérée, la forme exténuée, le mouvement égaré... Bon! voici que mon esprit veut absolument se charger de tous les développements cruels qu'a subis l'esprit depuis la fin de l'Orient... Il en veut, mon esprit!

...Mes deux sous de raison sont finis! – L'esprit est autorité, il veut que je sois en Occident. Il faudrait le faire taire pour conclure comme je voulais.

J'envoyais au diable les palmes des martyrs, les rayons de l'art, l'orgueil des inventeurs, l'ardeur des pillards; je retournais à l'Orient et à la sagesse première et éternelle. – Il paraît que c'est un rêve de paresse grossière!

Pourtant, je ne songeais guère au plaisir d'échapper aux souffrances modernes. Je n'avais pas en vue la sagesse bâtarde du Coran. – Mais n'y a-t-il pas un supplice réel en ce que, depuis cette déclaration de la science, le christianisme, l'homme *se joue*, se prouve les évidences, se gonfle du plaisir de répéter ces preuves, et ne vit que comme cela! Torture subtile, niaise; source de mes divagations spirituelles. La nature pourrait s'ennuyer, peut-être! M. Prudhomme est né avec le Christ.

N'est-ce pas parce que nous cultivons la brume! Nous mangeons la fièvre avec nos légumes aqueux. Et l'ivrognerie! et le tabac! et l'ignorance! et les dévouements! – Tout cela est-il assez loin de la pensée de la sagesse de l'Orient, la patrie primitive? Pour quoi un monde moderne, si de pareils poisons s'inventent!

venenos tais se inventam!

As gentes de Igreja dirão: Pois sim. Mas você quer falar do Éden. Não encontrará nada na história dos povos orientais. – É verdade; era com o Éden que eu sonhava! Que há para o meu sonho nesta pureza de raças antigas?

Os filósofos: O mundo não tem idade. A humanidade simplesmente desloca-se. Você está no Ocidente, mas é livre de morar no seu Oriente, por muito remoto que o requeira, – e de aí morar bem. Não se dê por vencido. Filósofos, sois do vosso Ocidente.

Espírito meu, põe-te em guarda. Nada de posições violentas de salvação. Exercita-te! – Ah!, a ciência não é suficientemente rápida para nós!

– Mas apercebo-me de que o meu espírito dorme.

Se ele ficasse sempre bem desperto a partir deste momento, chegaríamos depressa à verdade, que talvez nos rodeie com seus anjos em pranto!... – Se ele tivesse estado desperto até este momento, eu não teria certamente cedido aos instintos deletérios, numa época imemorial!... – Se ele tivesse estado sempre bem desperto, eu vogaria em plena sabedoria!...

Ó pureza!, pureza!

Foi este minuto alerta que me deu a visão da pureza! – Pelo espírito chegamos a Deus!

Dilacerante infortúnio!

Les gens d'Eglise diront: C'est compris. Mais vous voulez parler de l'Éden. Rien pour vous dans l'histoire des peuples orientaux. – C'est vrai; c'est à l'Éden que je songeais! Qu'est-ce que c'est pour mon rêve, cette pureté des races antiques!

Les philosophes: Le monde n'a pas d'âge. L'humanité se déplace, simplement. Vous êtes en Occident, mais libre d´habiter dans votre Orient, quelque ancien qu'il vous le faille, – et d'y habiter bien. Ne soyez pas un vaincu. Philosophes, vous êtes de votre Occident.

Mon esprit, prends garde. Pas de partis de salut violents. Exerce-toi! – Ah! la science ne va pas assez vite pour nous!

– Mas je m'aperçois que mon esprit dort.

S'il était bien éveillé toujours à partir de ce moment, nous serions bientôt à la vérité, qui peut-être nous entoure avec ses anges pleurant!... – S'il avait été éveillé jusqu'à ce moment-ci, c'est que je n'aurais pas cédé aux instincts délétères, à une époque immémoriale!... – S'il avait toujours été bien éveillé, je voguerais en pleine sagesse!...

Ô pureté! pureté!

C'est cette minute d'éveil qui m'a donné la vision de la pureté! – Par l'esprit on va à Dieu!

Déchirante infortune!

O RELÂMPAGO

O trabalho humano! é a explosão que ilumina o meu abismo de quando em vez.

"Nada é vaidade; pela ciência... marche!" grita o Eclesiastes moderno, ou seja, *Toda a gente*. E no entanto os cadáveres dos maus e dos madraços caem sobre o coração dos outros... Ah! depressa, depressinha; lá ao longe, para lá da noite, essas recompensas futuras, eternas...escapam-se-nos?

– Que posso eu fazer? Conheço o trabalho; e a ciência é demasiado lenta. Que a oração galopa e a luz retumba... bem o vejo. É demasiado simples e faz muito calor; hão-de passar sem mim. Tenho o meu dever, orgulhar-me-ei dele como o fazem muitos outros: pondo-o de parte.

A minha vida está gasta. Vamos!, finjamos, mandriemos, ó piedade! E existiremos divertindo-nos, sonhando amores monstros e universos fantásticos, queixando-nos, e em contendas sobre as aparências do mundo, saltimbanco, mendigo, artista, bandido, – padre! No meu leito de hospital veio-me à memória o odor tão forte do incenso; guardião das fragrâncias sagradas, confessor, mártir...

Reconheço nisso a minha porca educação de

L'ÉCLAIR

Le travail humain! c'est l'explosion qui éclaire mon abîme de temps en temps.

«Rien n'est vanité; à la science, et en avant!» crie l'Ecclésiaste moderne, c'est-à-dire *Tout le monde*. Et pourtant les cadavres des méchants et des fainéants tombent sur le cœur des autres... Ah! vite, vite un peu; là-bas, par delà la nuit, ces récompenses futures, éternelles... les échappons-nous?...

– Qu'y puis-je? Je connais le travail; et la science est trop lente. Que la prière galope et que la lumière gronde... je le vois bien. C'est trop simple, et il fait trop chaud; on se passera de moi. J'ai mon devoir, j'en serai fier à la façon de plusieurs, en le mettant de côté.

Ma vie est usée. Allons! feignons, fainéantons, ô pitié! Et nous existerons en nous amusant, en rêvant amours monstres et univers fantastiques, en nous plaignant et en querellant les apparences du monde, saltimbanque, mendiant, artiste, bandit, – prêtre! Sur mon lit d'hôpital, l'odeur de l'encens m'est revenue si puissante; gardien des aromates sacrés, confesseur, martyr...

Je reconnais là ma sale éducation d'enfance.

infância. E quê!... Andar meus vinte anos, se os outros andam vinte anos...

Não! Não! Revolto-me agora contra a morte! O trabalho parece demasiado leve para o meu orgulho: a minha traição ao mundo teria um suplício bem minguado. No último momento, atacaria para a esquerda, para a direita...

Então, – oh! – pobre alma querida, não estaria a eternidade perdida para nós?

Puis quoi!... Aller mes vingt ans, si les autres vont vingt ans...

Non! non! à présent je me révolte contre la mort! Le travail paraît trop léger à mon orgueil: ma trahison au monde serait un supplice trop court. Au dernier moment, j'attaquerais à droite, à gauche...

Alors, – oh! – chère pauvre âme, l'éternité serait--elle pas perdue pour nous!

MANHÃ

Não tive eu, *um dia*, uma juventude adorável, heróica, fabulosa, digna de ser escrita em folhas de ouro?, – sorte a mais! Que crime. Que erro me fez merecer a minha actual fraqueza? Vós que acreditais que os animais soluçam de mágoa, que os doentes desesperam, que os mortos têm pesadelos, empenhai--vos em contar a minha queda e a minha inércia. Eu já não me explico melhor que um mendigo com os seus contínuos *Pater* e *Ave Maria. Já não sei falar!*

No entanto, creio ter acabado hoje o relato do meu inferno. Era mesmo o inferno; o antigo, cujas portas o filho do homem abriu.

Do mesmo deserto, sob a mesma noite, sempre meus olhos quebrantados despertam para a estrela de prata, sempre, sem que os Reis da vida se comovam, os três magos: coração, alma, espírito. Quando iremos nós, para além dos areais e dos montes, saudar o nascimento do novo trabalho, da nova sabedoria, da fuga dos tiranos e dos demónios, do fim da superstição, adorar – primeiro que ninguém! – o Natal sobre a terra?

O cântico dos céus, a marcha dos povos! Escravos, não amaldiçoemos a vida.

MATIN

N'eus-je pas *une fois* une jeunesse aimable, héroïque, fabuleuse, à écrire sur des feuilles d'or, – trop de chance! Par quel crime, par quelle erreur, ai--je mérité ma faiblesse actuelle? Vous qui prétendez que des bêtes poussent des sanglots de chagrin, que des malades désespèrent, que des morts rêvent mal, tâchez de raconter ma chute et mon sommeil. Moi, je ne puis pas plus m'expliquer que le mendiant avec ses continuels *Pater* et *Ave Maria. Je ne sais plus parler!*

Pourtant, aujourd'hui, je crois avoir fini la relation de mon enfer. C'était bien l'enfer; l'ancien, celui dont le fils de l'homme ouvrit les portes.

Du même désert, à la même nuit, toujours mes yeux las se réveillent à l'étoile d'argent, toujours, sans que s'émeuvent les Rois de la vie, les trois mages, le cœur, l'âme, l'esprit. Quand irons-nous, par delà les grèves et les monts, saluer la naissance du travail nouveau, la sagesse nouvelle, la fuite des tyrans et des démons, la fin de la superstition, adorer – les premiers! – Noël sur la terre!

Le chant des cieux, la marche des peuples! Esclaves, ne maudissons pas la vie.

ADEUS

Já, o outono?! – Mas porquê lamentar um sol eterno, se nos empenhamos na descoberta da claridade divina, – longe das pessoas que morrem com a mudança das estações?

O outono. A nossa barca fundada nas brumas imóveis dirige-se para o porto da miséria, a enorme cidade no céu maculado de fogo e lama. Ah! os andrajos putrefactos, o pão ensopado de chuva, a bebedeira, os mil amores que me crucificaram! Então nunca mais acaba este vampiro, que reina sobre milhões de almas e de corpos mortos *e que serão julgados*! Revejo-me com a pele remordida pela lama e pela peste, com vermes enchendo-me os cabelos e as axilas e outros ainda maiores no coração, estendido entre desconhecidos sem idade, sem sentimento... Podia ter morrido ali... Que pavorosa evocação! Abomino a miséria!

E receio o inverno por ser a estação do conforto!

– Por vezes, vejo no céu praias sem fim cobertas de alvas nações em regozijo. Uma grande nau de ouro, por cima de mim, desfralda os seus panos multicores à brisa da manhã. Criei todas as festas, todos os triunfos, todos os dramas. Tentei

ADIEU

L'automne déjà! – Mais pourquoi regretter un éternel soleil, si nous sommes engagés à la découverte de la clarté divine, – loin des gens qui meurent sur les saisons.

L'automne. Notre barque élevée dans les brumes immobiles tourne vers le port de la misère, la cité énorme au ciel taché de feu et de boue. Ah! les haillons pourris, le pain trempé de pluie, l'ivresse, les mille amours qui m'ont crucifié! Elle ne finira donc point cette goule reine de millions d'âmes et de corps morts *et qui seront jugés!* Je me revois la peau rongée par la boue et la peste, des vers plein les cheveux et les aisselles et encore de plus gros vers dans le cœur, étendu parmi les inconnus sans âge, sans sentiment... J'aurais pu y mourir... L'affreuse évocation! J'exècre la misère.

Et je redoute l'hiver parce que c'est la saison du comfort!

– Quelquefois je vois au ciel des plages sans fin couvertes de blanches nations en joie. Un grand vaisseau d'or, au-dessus de moi, agite ses pavillons multicolores sous les brises du matin. J'ai créé toutes les fêtes, tous les triomphes, tous les drames.

inventar novas flores, novos astros, novas carnes, novos idiomas. Pensei poder adquirir poderes sobrenaturais. Pois bem! tenho de enterrar a minha imaginação e as minhas recordações! Uma bela glória de artista e de contador de histórias destruída!

Eu!, que me intitulei mago ou anjo, dispensado de qualquer moral, restituído ao chão, em demanda de um dever, e a áspera realidade para estreitar! Pacóvio!

Engano-me? seria a caridade irmã da morte, para mim?

Enfim, pedirei perdão por me ter alimentado de mentiras. Vamos.

Mas nem uma mão amiga! e onde buscaria ajuda?

Sim, pelo menos a nova hora é rigorosíssima.

Pois posso dizer que a vitória me foi granjeada: o ranger de dentes, o sibilar do fogo, os suspiros pestilentos atenuam-se. Todas as recordações imundas se apagam. Os meus derradeiros remorsos somem-se – invejas dos mendigos, dos malfeitores, dos amigos da morte, dos atrasados de todas as espécies. – Ah, amaldiçoados, se eu me vingasse...!

É preciso ser-se totalmente moderno.

Nada de cânticos: há que conservar o terreno ganho. Dura noite! o sangue seco fumega sobre o meu rosto, e nada tenho atrás de mim a não ser este horrível arbusto!... O combate espiritual é tão brutal como a batalha dos homens; mas a visão da justiça só para Deus é prazer.

Não obstante, é a vigília. Recebamos todos os influxos de vigor e de ternura verdadeira. E, ao raiar da aurora, munidos de uma ardente paciência,

J'ai essayé d'inventer de nouvelles fleurs, de nouveaux astres, de nouvelles chairs, de nouvelles langues. J'ai cru acquérir des pouvoirs surnaturels. Eh bien! je dois enterrer mon imagination et mes souvenirs! Une belle gloire d'artiste et de conteur emportée!

Moi! moi qui me suis dit mage ou ange, dispensé de toute morale, je suis rendu au sol, avec un devoir à chercher, et la réalité rugueuse à étreindre! Paysan!

Suis-je trompé? la charité serait-elle sœur de la mort, pour moi?

Enfin, je demanderai pardon pour m'être nourri de mensonge. Et allons.

Mais pas une main amie! et où puiser le secours?

Oui l'heure nouvelle est au moins très-sévère.

Car je puis dire que la victoire m'est acquise: les grincements de dents, les sifflements de feu, les soupirs empestés se modèrent. Tous les souvenirs immondes s'effacent. Mes derniers regrets détalent, – des jalousies pour les mendiants, les brigands, les amis de la mort, les arriérés de toutes sortes. – Damnés, si je me vengeais!

Il faut être absolument moderne.

Point de cantiques: tenir le pas gagné. Dure nuit! le sang séché fume sur ma face, et je n'ai rien derrière moi, que cet horrible arbrisseau!... Le combat spirituel est aussi brutal que la bataille d'hommes; mais la vision de la justice est le plaisir de Dieu seul.

Cependant c'est la veille. Recevons tous les influx de vigueur et de tendresse réelle. Et à l'aurore, armés d'une ardente patience, nous entrerons aux

entraremos nas cidades esplêndidas.

O que dizia eu de mãos amigas? A vantagem é que posso rir dos velhos amores enganosos, e encher de vergonha esses casais mentirosos, – eu bem vi o inferno das mulheres lá em baixo; – e ser-me-á permitido *possuir a verdade num corpo e numa alma.*

Abril – Agosto, 1873.

---

splendides villes.

Que parlais-je de main amie! Un bel avantage, c'est que je puis rire des vieilles amours mensongères, et frapper de honte ces couples menteurs, – j'ai vu l'enfer des femmes là-bas; – et il me sera loisible de *posséder la vérité dans une âme et un corps*.

Avril – août, 1873.

LIVROS PUBLICADOS NESTA COLECÇÃO

O Banqueiro Anarquista
Fernando Pessoa – n.º 1

O Corvo e outros Poemas
Edgar Allan Poe – n.º 2

Cartas de Yage
William Burroughs e Allen Ginsberg – n.º 3

Loucura
Mário de Sá-Carneiro – n.º 4

Cartas de Pedro e Inez
Lidia Martinez – n.º 5

Dizer e Simplesmente
Jean Paul Mestas – n.º 6

Reflexões
Franz Kafka – n.º 7

Morrer a Rir
Hilário Antas – n.º 8

Poema Esquecido na Madrugada
Jean Paul Mestas – n.º 9

Desgramaticar
José Manuel Jara – n.º 10

Quadras Populares
José Afonso – n.º 11

José Afonso, poeta
Elfriede Engelmayer – n.º 12

Uma Temporada no Inferno
Arthur Rimbaud – n.º 13

COLECÇÃO MÍNIMA



9 789727 062997

Capa de César Fidalgo